

Diante do pae ledo, que a agatalha,  
Estas palauras taes chorando espalha.

<sup>103</sup> *Eburneos brancos: porque eburneo propriamente quer dizer cousa de marfim, porque em latim eburneo, he o marfim, & dahi se faz o nome adiectiuo, por cousa de marfim, ou que seja da mesma sua cor branca.*

<sup>103</sup> Quantos pouos a terra produzio  
De Affrica, toda gente fera & estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio  
Pera vir peffuir a nobre Espanha:  
Poder tamanho junto não se vio,  
Despois que o falso mar a terra banha.  
Trazem ferocidade, & furor tanto,  
q̃ a viuos medo, & a mortos faz espanto.

<sup>104</sup> Aquelle que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrentada,  
Co pequeno poder, offerecido  
Ao duro golpe esta, da Maura espada,  
E se não for contigo socorrido  
Verme as delle & do Reino ser priuada,  
Viua & triste, & posta em vida escura  
Sem marido, sem Reino, & sem ventura.

Por tanto, ô Rey de quem cõ puro medo, 105

O corrente † Mulucha se congella,

Rompe toda a tardança, acude cedo,

Aa miseranda gente de Castella.

Se effe gesto que mostras claro & ledo,

De pay o verdadeiro amor affella:

Acude & corre pay, que se não corres,

Pode ser que não aches quem socorres.

† *Mulucha, he hum rio piqueno, que se mete no rio de Azamor Em Affrica, do qual he tanta sua corrente, que em muitas partes se não passa, senão por pontes, & por isso lhe chama o autor o corrente Mulucha.*

Não de outra forte a timida Maria

106

Fallando està, q̃ a triste Venus, quando

A Iupiter seu pay fauor pedia,

Pera Eneas seu filho, nauegando

Que a tanta piedade o comiua,

Que caido das mãos o rayo infando.

Tudo o clemente Padre lhe concede,

Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,

107

Os Eborenses campos vão qualhados,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,  
Vam rinchando os cauallos jaezados:  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações â paz acostumados:  
Vay ás fulgentes armas incitando  
Pellas concavidades retumbando,

108 Entre todos no meio se sublima,  
Das insignias reaes acompanhado,  
O valeroso Affonso, que por cima  
De todos, leua o collo aleuantado,  
E samente co gesto esforça & anima,  
A qualquer coração amedrontado.  
Assi entra nas terras de Castella,  
Com a filha gentil Rainha della.

109 Iuntos os dous Affonsos finalmente,  
Nos campos de Tarifa, estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Pera qué sam pequenos campo & môte.  
Não ha peito tão alto & tão potente,  
Que de desconfiança não se afronte  
Em quanto não conheça, & claro veja.  
Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão

Estão de Agar os netos casi rindo,  
 Do poder dos Christãos fraco & peq̃no, 110  
 As terras como suas repartindo,  
 Ante mão, ante o exercito Agareno:  
 Que com titulo falso possuindo  
 Está o famoto nome Sarraceno.  
 Assim tambem com falsa conta & nua,  
 Aa nobre terra alhea chamáo sua.

Qual o membrudo & barbaro Gigante, 111  
 Do Rey Saul com causa tão temido,  
 Vendo o pastor inerme estar diante,  
 So de pedras & esforço a percebido,  
 Com palauras soberbas & arrogante,  
 Despreza o fraco moço mal vestido:  
 Que rodeando a funda o desengana  
 Quáo mais pode a Fè q̃ a força humana

De sta arte o Mouro perfido despreza 112  
 O poder dos Christãos, & não entende,  
 Que está ajudado da alta fortaleza,  
 A quem o Inferno horrifico se rende.  
 Co ella o Castellano, & com destreza  
 De Marrocos o Rey comete & offende.  
 O Portugues q̃ tudo estima em nada:  
 Se faz temer ao Reino de Granada

Os Lusíadas de Luis de Camões,  
113 Eis as lanças & espadas retinão,  
Por cima dos arneses, brauo estrago,  
Chamão (segúdo as leis que ali seguião)  
Hús Mafamede, & outros Santiago,  
Os feridos com grita o ceo ferião,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos se afogauão  
Quando do ferro as vidas escapauão.

114 Com esforço tamanho estrue & mata,  
O Luso ao Granadil, q̄ em pouco espaço  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
De alcançar tal victoria, tão barata,  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vay ajudar ao brauo Castellano,  
Que pelejando está co Mauritano.

115 Ia se hia o sol ardente recolhendo,  
Pera a casa de<sup>t</sup> Tethis, & inclinado,  
Pera o Ponente, o \*Vespero trazendo,  
Estaua o claro dia memorado, (rédo  
Quádo o poder do Mauro, gráde & hor  
Foy pellos fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortindade, que a memoria,  
Nunca no mundo vio tã grã victoria.

† *Tethis*, filha do Ceo, & de *Vesta*, molher de *Neptuno*, & mãe das *Nymphas* do mar. Segundo *Ouid.* no lib. 4. dos *Faustos*, foy filha de *Titão*, o irmão mais velho de *Saturno*, porque diz elle: *Duxerat Oceanus, quondam Titbonia Tethin*, donde se pode collegir, que tambem foy molher do Oceano. Muitas vezes se toma *Tethis* pello mar, por ser delle *Raynha*.

\* *Vespero*, he hũa estrella que se chama *Venus*. Aparece sempre despois do *Sol* posto, & por isso se toma pella tarde, porque então se vee: aparece tambem pella manhã, mas então chamase *Aurora*.

Não matou a quarta parte o forte † *Mario* 116  
 Dos que morrerão neste vencimento,  
 Quando as agoas co fãgue do aduersario  
 Fez beber ao exercito sedento,  
 Nem o \* *Peno* asperissimo contrario,  
 Do Romano poder de nascimento:  
 Quando tãtos matou da illustre *Roma*,  
 Que alqueires tres de aneis dos mortos  
 (toma.

† *Mario*, que se aleuantou co *Imperio Romano*, cõtra *Sylla*, nas guerras ciuis. Foy *Mario* sete vezes *Consul*: conquistou muitas terras, q̃ fez tributarias ao pouo Romano. Despois foy vécido por *Sylla*, &

Os Lusíadas de Luis de Camões.

fugindo foy restituído à patria despois de muito tempo desterrado. Vindo foy feyto Consul, & tendo o Consulado, mandou degolar a espada todos os vencedores que acompanbarão a Sylla, & porque deixando o Consulado, não tomassem delle denida vingança, antes que se lhe acabasse, com suas mãos se matou.

\* Hannibal Carthagines, o qual em Canas matou tantos Romanos, que mandou a Carthago tres alqueyres de aneis, & sos os caualleiros trazião as neis. Matou aqui hum Consul, & o outro fugio. Esteue Roma q̄ se elle se fora pera ella o tomara.

117 E se tu tantas almas so podeste,  
Mandar ao Reyno escuro de †Cocito,  
Quando a sancta cidade desfizeste.  
Do pouo pertinaz no antigo rito;  
Permissam & vingança foy celeste,  
E não força de braço, ô nobre \*Tito,  
Que alsí dos Vates foy profetizado,  
E despois por Iesu certificado.

Prophe-  
tas.

† Cocito em Latim, quer dizer choro: he palaura Grega. Ha nos infernos hum rio deste nome, o qual corre do rio Stygio. Daqui tambem Plutão se chamou Cocito.

Tito

\* *Tito, cognome dos Romanos: entende o Imperador Tito, que destruyo Ierusalem.*

Passada esta tão prospera victoria,  
 Tornado Affonso â Lusitana terra, 118  
 A se lograr da paz com tanta gloria.  
 Quanta soube ganhar na dura guerra,  
 O caso triste, & digno de memoria,  
 Que do sepulchro os homés desenterra,  
 Aconteceo da misera & mezquinha,  
 † *Que despois de ser morta foy Rainha.*

† *Isto diz, porque era o Iffante dom Pedro muy afeiçãoado a dona Ines de Castro, & por amor della não se queria casar com ninguem. Algũs fidalgos persuadirão ao Rei que a mataße, o que pondo por obra, despois d'elle morto, o Iffante tomando posse do Reino, ergueo por Rainha de Portugal a dona Ines de Castro, & castigou os fidalgos que fo rão nesta crueldade, conselheiros do pae, os quaes nunca mais tiuerão valia.*

Tu so, tu puro amor com força crua, 119  
 Que os corações humanos tanto obriga  
 Deste causa â molesta morte sua,  
 Como se fora perfida enemiga:



Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Se dizem fero Amor, que a sede tua  
Nem com lagrimas tristes se mitiga;  
E porque queres aspero & tirano  
Tuas aras banhar em sangue humano?

120 Estauas linda Ines posta em sossego  
De teus annos, colhendo doce fructo,  
Naquelle engano da alma, ledo & cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos faudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes insinando, & ás eruinhas  
O nome que no peito escripto tinhas

211 Do teu principe ali te respondião  
As lembranças que na alma lhe morauão  
Que sempre ante seus olhos te trazião,  
Quando dos teus fermosos se apartauão  
Denoite em doces sonhos, que mentião,  
De dia em pensamentos que voauão.  
E quãto em fim cuidaua, & quanto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

122 De outras bellas senoras, & Princezas,  
Os desejados thalamos engeita,

Que

Que tudo em fim, tu puro amor despre-  
 Quão hũ gesto suaue te fogeita: (zas  
 Vendo estas namoradas estranhezas,  
 O velho pay sesudo, que respeita  
 O murmurar do pouo & a fantasia  
 Do filho que casar se não queria.

Tirar Ines ao mundo determina,  
 Por lhe tirar o filho que tem preso,  
 Credo co sangue sô da morte indigna,  
 Matar do firme amor o fogo aceso:  
 Que furor consentio, que a espada fina,  
 Que pode sustentar o grande peso  
 Do furor Mauro, fosse aleuantada,  
 Contra hũa fraca dama delicada?

123

Traziãoa os horriferos algozes,  
 Ante o Rey, ja mouido a piedade:  
 Mas o pouo com falsas & ferozes  
 Razões, à morte crua o persuade:  
 Ella com tristes & piedosas vozes,  
 Saidas sô da magoa, & saudade  
 Do seu Principe, & filhos que deixaua,  
 Que mais q̃ a propria morte a magoaua.

124

Os Lusíadas de Luis de Camões.

125 Pera o Ceo cristalino aleuantando  
Com lagrimas os olhos piadosos,  
† Os olhos, porq̃ as mãos lhe estaua atãdo  
Hum dos duros ministros rigurosos:  
E despois nos mininos atentando,  
Que tão queridos tinha, & tão mimosos  
Cuja orfindade como máy temia,  
Pera o auô cruel assi dizia.

† Boa repetição peta mouer a piedade, como Virg.  
no lib. 1. Æneid. De Cassandra o mesmo escreue.

126 Se ja nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aues agrestes, que fomenta  
Nas rapinas aereas tem o intento,  
Com pequenas crianças vio a gente,  
Terem tão piadoso sentimento,  
Como co a mãe de Nino ja mostrâo  
E cos irmãos que Roma edificâo.

† A mãe de Nino, & os dous irmãos Romulo &  
Remo, forão criados com leyte de bestas feras:  
porque contão os historiadores, que acharão ao pé  
de hũa figueira, a que chamão os Gregos Romula,  
os dons mininos com hũa loba, que lhes estaua dã  
do

do de mamar: & daqui se chamou o irmão mais  
velho Romulo. Estes depois edificarão Roma, &  
de Remo ou de Romulo, chamou se Roma.

O tu q̄ tés de humano o gesto & o peito, 127

(Se de humano he, matar húa donzella

Fraca & sem força, so por ter sujeito

O coração a quem soube vencella)

A estas criancinhas tem respeito,

Pois o não tés à morte escura della

Mouate apiedade sua & minha,

Pois te não moue a culpa q̄ não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia, 128

A morte sabes dar com fogo & ferro,

Sabe tambem dar vida com clemencia,

A quem pera perderlla não fez erro:

Mas se to así merece esta innocencia,

Poem me em perpetuo & misero destero

Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,

Onde em lagrimas viuua eternamente.

Poemme onde se vse toda a feridade, 129

Entre Liões, & Tigres, & verey

Sé nelles achar posso a piedade

Que entre peitos humanos não achey:

Os Lusíadas De Luis de Camões.  
Ali co amor intrinseco & vontade,  
Naquelle por quem mouro, criarey  
Estas reliquas suas que aqui viste,  
Que refrigerio sejão da may triste.

130 **Q**ueria perdoarlhe o Rey benigno,  
Mouido das palauras que o magoão:  
Mas o pertinaz pouo, & seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoã  
Arrancão das espadas de aço fino,  
Os que por bom tal feito ali apregoão,  
Contra hũa dama, ô peitos carniceiros  
Feros vos mostrais, & caualteiros ?

131  
474- **Q**ual contra a linda moça † Policena,  
Consolação extrema da \*mây velha,  
Porque a sombra de Achilles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha:  
Mas ella os olhos com que o ar ferena,  
( Bem como paciente, & mansa ouelha )  
Na misera mây postos, que endoudece  
Ao duro sacrificio se offerece.

† Pollicena foy filha del Rey Priamo, a qual na guerra Troiana, audãdo Achylles a cauallo, a vio estar à janella, e a mandou pedir a seu pae em casa.

esamento, com condição que lhe ergueria o cerco. Aceytou Priamo este partido, & estando Achylles no templo de Apolo em Troia de giolhos, lhe tirou Paris irmão de Pollycena com hũa seta eruada, & dandolhe nas solas dos pés o matou: & não podia ser morto senão por esta parte, porque fingem os poetas, que em nascêdo, o tomou sua mãe Tetbis pellos pés, & o meteo na agoa do rio Styge, & assi ficou que o não podia ferir ferro, senão pelas solas dos pés, que não se molbarão, porque ficaram de fora. Pyrro agrauado desta treyção, que fizerão a seu pae Achylles, sendo Troia entrada, tomou a Pollycena, & sobre a sepultura de Achylles a sepultou.

\* Hecuba, molher de Priamo, mãe de Pollicena.

Tais contra Ines os brutos matadores,  
 No colo de alabastro, que softinha  
 As obras com q̃ amor matou de amores  
 Aquelle que despois a fez Rainha:  
 As espadas banhádo, & as brancas flores,  
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
 Se encarniçauão, feruidos & yrosos,  
 No futuro castigo não cuydosos.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 133 Bem poderas, ô Sol, da vista destes  
Teus rayos apartar aquelle dia,  
Como da seua mesa de <sup>†</sup>Tyestes,  
Quádo os filhos por mão de Atreu comia  
Vos ô concauos valles, que poderdes  
A voz extrema ouuir da boca fria,  
O nome do seu Pedro que lhe ouistes,  
Por muito grande espaço repetistes.

*† Tyestes, foy filho de Pelope, & de Hippodauia irmão de Atreu, neto de Tantaló. Foy cruelissimo: daua de comer aos hospedes carne humana, & de noyte os mataua, & daua com elles de comer a os que vinhão a sua casa o dia seguinte. Vindo o Sol, & vendo a crueldade deste, dizem os Poetas, que tornou co carro perá tras, porq̃ o vio estar comendo seus proprios filhos, que lhos daua o irmão Atreu.*

- 134 Assim como a bonina que cortada,  
Antes do tempo foy, cândida & bella  
Sendo das mãos laciuas mal tratada,  
Da minina que a trouxe na capella:  
O cheiro traz perdido, & a cor murcha-  
Tal está morta a palida dōzella, (da  
Secas do rosto as rosas, & perdida  
A branca & viua cor, co a doce vida.

† As filhas do Mondego, a morte escura  
 Longo tempo chorando memorearão,  
 E por memoria eterna em fonte pura  
 \* As lagrimas choradas transformarão:  
 O nome lhe poferão, que inda dura,  
 Dos amores de Ines que ali passarão.  
 Vede que fresca fonte rega as flores:  
 Que lagrimas são a agoa, & o nome amo

(res.

† Isto diz, porque fingião os poetas, que todos os  
 rios & fontes tinhão Nymphas.

\* Ha em Coimbra hũa fonte, que nace ao pé de  
 Val de Inferno, que vem debaixo de hũa lapa, mui  
 to fresca, & suaue, & rega a horta de Sãta Clara,  
 & dahi passa pellos paços da Rainha, aonde este  
 ue dona Ines, & porque costumaua Dom Pedro  
 ir recrearse com dona Ines, aonde nacia esta fonte,  
 chamou se fonte dos amores, o qual nome ainda  
 oje dura.

Não correo muito tempo que a vingança 136  
 Não visse Pedro das mortais feridas,  
 Que em tomádo do Reino a governança,  
 A tomou dos fugidos homicidas:  
 Do outro Pedro cruissimo os alcança,  
 Que ambos immigos das humanas vidas

O con-



Os Lusíadas de Luís de Camões.  
O concerto fizeram duro & injusto,  
Que cõ † Lepido, e Antonio fez Augusto:

† Isto diz, porque quando fizeram concertos nas guerras civis se derão lûs aos outros os homicidas, de que fizeram justiça, como tambem se fez de Gaspar Coelho, de quem o poeta falla.

137 Este castigador foy riguroso,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,  
Erão os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guradando justicofo  
De todos os soberbos vitupreios,  
Mais ladrões castigando â morte deu,  
Que o vagabúdo † Alcides, ou \* Theseu.

† Alcides, he Hercules: e bama-se Alcides, de Alces seu auô. Ouue muitos Hercules, & por não fazerem tanta escriptura de tantos, attribuirão os feitos de todos a hum, o qual foy mais esforçado que todos, filho de Iupiter & Almena. Depois todos os que se affamaão por armas chamarão-se Hercules do filho de Almena. Este teue os doze trabalhos, pellos quaes ficou tão nomeado. Matou o Dragão do borto das Hesperidas. Trouxe o Cão Cerbero,

bero. que escuma o rosalgar: matou o Gigante Anateo, & outras cousas muitas fez.

\* Ihesu, Rey de Athenas, grande aventureiro: passou grandes aventuras. Teue hum amigo, chamado Perytho, com o qual deceo aos infernos, & furtou a Proserpina molher de Plutão, como fingem os Poetas.

Do justo & duro Pedro nasce o brando

138

(Vede da natureza o desconcerto)

Remisso, & sem cuidado algũ Fernando,

Que todo o Reino pos em muito aperto

Que vindo o Castelhana deuastando

As terras sem defesa, esteue perto

De destruirse o Reino totalmente

Que hũ fraco Rei faz fraca a forte gẽte.

Ou foy castigo claro do peccado,

139

De tirar Lianor a seu marido,

E casarse com ella de enleuado,

Num falso parecer mal entendido:

Ou foy o coração sogeito, & dado

Ao vicio vil, de quem se vio rendido,

Molle se fez, & fraco, & bem parece

Que hũ baxo amor os fortes enfraqce.

Os Lusíadas De Luis de Camões.  
 Do peccado tiuerão sempre a pena  
 Muitos que Deos o quis & permittio:  
 Os que forão a roubar a bella<sup>†</sup> Helena,  
 E com Apio tambem Tarquino o vio.  
 Pois por quem Dauid saneto se condena  
 Ou quem o tribu illustre destruo  
 De Benjamin: bem claro no lo ensina  
 Por Sarra Pharao, Sichem por Dina.

<sup>†</sup> Helena, foy Raynha de Grecia muito fermosa, a qual furto Paris filbo de Priamo, & a trouxe a Troia, por amor de quem se moueo Agamenon, cõ Menelao seu irmão, marido della, & teue de cerco a Troia dez annos, na fim dos quaes a entrou, & pos fogo, sem deyxar pedra sobre pedra.

E pois se os peitos fortes enfraquece,  
 Hum inconcesso amor desatinado,  
 Bem no filho de<sup>†</sup> Almena se parece,  
 Quãdo em Omfale andaua trãformado:  
 De<sup>\*</sup> Marco Antonio a fama se escorece,  
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado:  
 Tu tambem<sup>†</sup> Penõ prospero o sentiste,  
 Despois q̃ hũa moça vil na Apulia viste,

<sup>†</sup> Hercules filbo de Almena, que por Omphale se

esqueceo de sua molher, o qual foy causa pera que  
sua molher lhe mandasse a tunica, com que endou-  
deceo, & se deitou em hũa fugueira.

\* Marco Antonio, Romano bem conhecido, mari-  
do de Cleopatra, Rainha de Egipto.

† Hanibal, que por hũa moça vil, que vio na Apu-  
lia, que he a Calabria, se descuidou tanto, que lhe  
resultou em grande dano.

Mas quem pode liurar-se por ventura  
Dos laços que amor arma brandaméte 142  
Entre as rosas, & a neve humana pura,  
O ouro, & o alabastro transparente.  
Quem de hũa peregrina fermosura  
De hum vulto de Medusa propriaméte,  
Que o coração conuerte que tem preso,  
Em pedra não, mas em desejo aceso.

F I M.



N 2 P R O 2

PRO SEGVINDO O GAMA

Sua pratica, da conta como succede el Rey dom  
Ioão o primeiro. Encarece a lealdade de dom Nu  
no Aluarez Pereira. Referēse algũas victorias del  
Rey dom Ioão. Da conta como el Rey dom Ioão  
o segundo, intentou o descobrimento da India, &  
o que dahi resultou. E como foy electo por el  
Rey dom Manoel para esta empresa.

E como se embarcou em  
Belem, &c.

## CANTO QVARTO.



ESPOIS DE  
procelosa tēpestade,  
Nocturna sombra, &  
sibilante vento,  
Traz a manhãa sere-  
na claridade,  
Esperança de porto,

& saluamento,

Aparta o Sol a negra escuridade,  
Remouendo o temor ao pensamento:  
Assi no Reino forte aconteceo,  
Despois que o Rei Fernando faleceo,

Porque

Porque se muito os nossos desejarão,  
 Quem os danos & offensas va vingado,  
 Naquelles que tambem se aproueitarão,  
 Do descuido remisso de Fernando,  
 Despois de pouco tempo o alcançarão,  
 Ioanne sempre illustre aleuantando  
 Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro  
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto ordenação dos ceos diuina,  
 Por finais muyto claros se mostrou  
 Quando em Euora a voz de hua minina  
 Ante tempo falando o nomeou:  
 E como cousa em fim que o Ceo destina  
 No berço o corpo, & a voz aleuantou,  
 Portugal, Portugal, alçando a mão,  
 Disse, polo Rei nouo Dom Ioão,

Alteradas então do Reino as gentes,  
 Co o dio que occupado os peitos tinha,  
 Absolutas cruezas & evidentes  
 Faz do pouo o furor por onde vinha,  
 Matando vão amigos & parentes,  
 Do adultero Conde, & da Rainha,  
 Com quem sua incontinencia desonestaz  
 Mais (despois de viua) manifesta.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

5 Mas elle em fim com causa defonrado,  
Diante della a ferro frio morre (do  
De outros muitos na morte acompanha  
Que tudo o fogo erguido quima & corre  
Quem como † Astianas precipitado  
(Sem lhe valerem ordês) de alta torre  
A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
Quem nũ por ruas & em pedaços feito,

† *Astbyanas, foy filbo del Rey Priamo, & de He-  
cuba: quando entrarão os Gregos em Troia, tomou  
Vlysses Astbyanas, q̄ era minino, & o lançou d'ũa  
torre abaixo, aonde despeçado morreo.*

6 Podense por em longo esquecimento  
As cruezas mortais que Roma vio  
Feitas do feroz Mario, & do cruento  
Syla, quando o contrario lhe fogio:  
Por isso Lianor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobrio,  
Faz contra Lusitania vir Castella,  
Dizendo ser sua filha herdeira della.

7 Beatriz era a filha que casada  
Co Castelhana está, que o Reino pede,

Por filha de Fernando reputada,  
 Se a corrompida fama lho concede.  
 Com esta voz castella aleuantada,  
 Dizendo que esta filha ao pay succede:  
 Suas forças ajunta pera as guerras  
 De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia q̄ de hũ †Brigo, 8  
 (Se foy) ja teue o nome diriuado  
 Das terras que Fernando, & q̄ Rodrigo  
 Ganharão do tirano & Mauro estado:  
 Não estimão das armas o perigo,  
 Os que cortando vão co duro arado  
 Os campos Lioneses, cuja gente,  
 Cos Mouros foy nas armas excelente.

† Brigo, entende Castella a vella, a qual dizem alguns chamarse assi de hum Rey que nella reynou antes dos Godos.

\* Fernando & Rodrigo, o conde Fernão Gonçalez & o Cid Rui Diaz, que ganharão grande parte de terra aos Mouros. Tambem se pode tomar por el Rey dom Fernando o Sancto.

Os Vandalos, na antiga valentia  
 Ainda confiados, se ajuntauão  
 Da cabeça de toda Audaluzia,  
 Que do Goadalquibir as agoas lauão



Os Lusíadas de Luis de Camões.

A nobre Ilha também se apercebia.

Que antigamente os <sup>†</sup>Tirios habitauão

Trazendo por insignias verdadeiras

As Herculeas colunas nas bandeiras.

<sup>†</sup> *Tyrios da Ilha de Tyros, da qual Virg. lib. 1. An.*

<sup>\*</sup> *As colunas que pos Hercules na boca do Estreito de Gibraltar.*

10 Também vem la do Reino de Toledo,

Cidade nobre & antiga, a quem cercádo

O Tejo em torno vay suave & ledo,

Que das ferras de Conca vem manando:

A vosoutros também não tolhe o medo

O fordidos Galegos, duro bando,

Que pera resistirdes, vos armastes,

Aaquelles, cujos golpes ja prouaistes.

11 Também moué da guerra as negras furias

A gente Bizcainha, que carece

De polidas razões, & que as iujurias

Muito mal dos estanhos compadece:

A terra de Guipuscoa, & das Asturias

Que com minas de ferro se ennobrece

Armou d'elle, os soberbos matadores,

Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioane, a quem do peito o esforço crece, 123  
 Como a Sansam Hebreo da guedelha,  
 Posto que tudo pouco lhe parece  
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,  
 E não porque conselho lhe falece,  
 Cos principaes senhores se aconselha:  
 Mas so por ver das gentes as sentenças,  
 Que sempre ouue entre muitos differê-  
 ças.

Não falta com razões que desconcerte, 13  
 Da opinião de todos, na vontade,  
 Em quem o esforço antigo se conuerte  
 Em desusada & ma deslealdade,  
 Podendo o temor mais, gelado, inerte  
 Que a propria & natural fidelidade  
 Negão o Rei & a patria, & se conuem  
 Negarão (como Pedro) o Deos q̄ tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse, 14  
 No forte dom Nuno Alvarez: mas antes  
 Posto q̄ em seus Irmãos tão claro o visse  
 Reprouando as vontades inconstantes,  
 A aquellas duuidosas gentes disse,  
 Com palauras mais duras que alegátes,  
 A mão na espada irado, & não facundo,  
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

15 Como da gente illustre Portuguesa,  
 Ha de auer quem refusa o patrio Marte?  
 Como, desta prouincia que princeza  
 Foy das gentes na guerra em toda parte  
 Ha de sair quem negue ter defesa,  
 Que negue a fe, o amor, o esforço & arte  
 De Portugues, & por nenhum respeito  
 O proprio Reino queira ver fogeito?

16 Como, não sois vos inda os descendentes  
 Daquelles, que debaixo da bandeira,  
 Do grande Enriquez, feros & valentes  
 Vencestes esta gente tão guerreira?  
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
 Poserão em fugida, de maneira,  
 Que sete illustres condes lhe trouxerão  
 Presos, afora a presa que tiuerão?

17 Com quem forão contino sopeados  
 Estes, de quem o estais agora vos,  
 Por Dinis & seu filho, sublimados  
 Se não cos vossos fortes pais & auôs?  
 Pois se com seus defeuidos, ou peccados,  
 Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
 Torne vos vossas forças o Reino nouo,  
 Se he certo que co Rey se muda o pouo.

Rey tendes tal, que se o valor tiuerdes 18  
 Igual ao Rey que agora aleuantastes,  
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
 E le com isto em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante medo que tomastes,  
 Atay as mãos a vosso vão receio,  
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta, 21  
 ( E dizendo isto arranca mea espada)  
 Defenderey da força dura, & infesta Bõ parent  
 A terra nunca de outrem sojugada, thesis pe  
 Em virtude do Rey, da patria meſta, ra mo  
 Da lealdade ja por vos negada. uer.  
 Vencerey ( não so estes aduerſarios: )  
 Mas quantos a meu Rei foré contrarios,

Bem como entre os manebos recolhidos, 20  
 Em Camiſio, reliquias ſos de Canas,  
 Ia pera se entregar quaſi mouidos  
 A fortuna das forças Affricanas:  
 † Cornelio moço os faz, que compelidos  
 Da ſua espada, jurem que as Romanas  
 Armas, não deixarão em quanto a vida  
 Os não deixar, ou nellas for perdida.

Depois

Os Lusíadas de Luis de Camões.

8<sup>o</sup> Despois que Hannibal teue a batalha em Canas, na qual destruyo o pouo Romano, estiuerão em Roma mui receosos de vir logo Hannibal sobre ella, & tomalla, o que se pusera por ventura em effeito, se Hannibal seguira a victoria, como lho aconselhaua seu capitão: por quem elle dito capitão dixee a Hannibal: Sabes Hannibal vécer, mas não sabes aproueitarte da victoria. Nisto estauão em Roma os mancebos offrecidos a se entregarem a Hannibal, vindo sobre Roma, & Cornelio mui o mancebo, fez o que aqui dom Nuno Aluarez.

21 Desta arte a gente força, & esforça Nuno,  
Que com lhe ouir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhes tinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo & volteando arremessões,  
Vão correndo, & gritando a boca aberta  
Viua o famoso Rei que nos liberta.

22 Das gentes populares hũs aprouão  
A guerra com que a patria se sostinha,  
Hũs as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha,

Capacetes estofam, peitos prouão,  
 Armase cadahum como conuinha.  
 Outros fazem vestidos de mil cores,  
 Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,  
 Ioane forte sae da fresca Abrantes,  
 Abrantes, que tambem da fonte fria  
 Do Tejo, logra as agoas abundantes,  
 Os primeiros armigeros regia,  
 Quem pera reger era os mui possantes  
 Orientaes exercitos, sem conto,  
 Com que passauá †Xerxes o\*Helespôto. 23

† Xerxes interpreta-se guerreiro: foy Rey dos Persas: ajuntou contra os Atbenienses grande exercito. Dizem os Hystoriadores a quem se pode crer, que passou Xerxes a Grecia de gente de pé somente, dezasete vezes cem milbeiros, & tem cada milbeiro dez mil. Passou por seu exercito em sete dias, & sete noites, sem descansar em todo este tempo, porque ao tempo que quem auia caminhado comia, neste mesmo momento despedia outro, o qual como cansasse fizesse o mesmo. E desta maneira se passou o exercito em sete dias & sete noites. Este vendo de riba de hum monte alto, todo seu

seu exercito dizem que chorou, & sendo pergunta  
do porque chorava, r. spondeo, que porque da hi a  
cem annos não auia de auer homem nenhũ daquel  
les viuo, com toda esta gente em hũa peleja que te-  
ue por mar com Themistocles, capitão dos Gre-  
gos foy desbaratado o Xerxes.

- 2 4 Dom Nuno Aluares digo, verdadeiro  
Exemplo de valentes Castelhanos,  
Como ja o fero Huno o foy primeiro  
Pera Franceses, pera Italianos,  
Outro tambem famoso caualleiro,  
Que a ala <sup>†</sup> direita tem dos Lusitanos,  
Apto pera mandalos, & regelos,  
Mem Rodriguez se diz de Vasconcelos,

<sup>†</sup> Ala prõpriamente quer dizer asa, mas porque  
nas guerras costumauão leuar nas vanguardias  
gente de guarnição pera reparo, & resguardo do  
exercito, & as asas nos passaros & aues são reparo  
pera seu sustentamento, daqui veio chamar-se ala  
esta gente que bia pello lado do exercito: ou tam-  
bem chamouse ala, porque assi como as asas estão  
da banda dos lados, assi bia esta gente.

E da outra ala que a esta corresponde,  
 Antão vazquez de Almeida he Capitão,  
 Que depois foi d' Abráches nobre Cõde  
 Das gêtes vay regêdo a seftra mão,  
 Logo na retagoarda não se esconde,  
 Das quinas & castellos o pendão.  
 Com Ioanne Rey forte em toda parte  
 Que esfurecêdo o preço vay de Marte.

Estauão pellos muros temerosas,  
 E de hum alegre medo quasi frias,  
 Rezando as mãis, irmãs, damas, & esposas  
 Prometendo jejús, & romarias,  
 Ia chegão as esquadras bellicofas,  
 Defronte das imigas companhias,  
 Que com grita grandíssima os recebem,  
 E todas grande duuida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,  
 Pifaros sibilantes: & atambores,  
 Alferezes volteão as bandeiras,  
 Que variadas sam de muitas cores:  
 Era no seco tempo, que nas eiras  
 Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
 Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto  
 Bacq das vuas tira o doce mosto.



- 228 Deu sinal a trombeta Castelhana,  
 Horrendo, fero ingente, & temeroso  
 Ouio o monte Artabro, & Guadiana,  
 A tras tornou as ondas de medroso:  
 Ouioo Douro, & a terra Transtagana  
 Correo ao mar o Tejo duuidoso;  
 E as mãos que o som terribil escutarão,  
 Aos peitos os filhinhos apertarão.
- 229 Quantos rostos ali se vem sem cor,  
 Que ao coração acode o sangue amigo,  
 Que nos perigos grandes o temor,  
 He mayor muitas vezes que o perigo,  
 E se o não he, pareceo, que o furor  
 De offender, ou vencer o duro immigo,  
 Faz não sentir, q̄ he perda grãde & rara  
 Dos membros corporais da vida cara.
- 230 Começase a trauar a incerta guerra,  
 De ambas partes se moue a primeira ala,  
 Hús leua a defensam da propria terra,  
 Outros as esperanças de ganhala:  
 Logo o grãde Pereira em quẽ se encerra  
 Todo o valor, primeiro se a sinala  
 Derriba, & encôtra, & a terra é fim semea  
 Dos que a tanto deseirão, sendo alhea.

Ia pelo espesso ar, os estridentes 31  
 Farpões, setas, & varios tiros voão,  
 Debaixo dos pès duros dos ardentes  
 Caualllos treme a terra, os vales soão:  
 Espedação se as lanças & as frequentes  
 Quedas, co as duras armas tudo atroão,  
 Recrecem os inimigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus irmãos contra elle vão, 32  
 ( Caso feo & cruel: ) mas não se espanta,  
 Que menos he querer matar o irmão,  
 Que contra o Rey & a patria se aleuáta:  
 Destes inconstantes muitos sam,  
 No primeiro esquadrão, que se adianta  
 Cõtra irmãos & parêtes ( caso estranho )  
 quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno

O tu † Sertório, o nobre Coriolano 33  
 Catilina, & vos outros dos antigos,  
 Que contra vossas patrias, com profano  
 Coração, vos fizestes inimigos:  
 Se là no Reino escuro de Sumano,  
 Receberdes grauíssimos castigos,  
 Dizeilhe q̄ tambem dos Portugueses.  
 Algũs tredores ouue algũas vezes.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Todos estes conjurarão contra a patria. A conjuração de Catilina não ouue effecto, porque Cicero proueo sobre isso com muita prudencia: & sem armas o lançou fora da cidade, determinando Catilina por lhe fogo por doze lugares. Vede as inuecti-  
uas de Cicero.

- 34 Rompemse aqui dos nossos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a elles vão:  
Estâ ali Nuno, qual pellos outeiros  
De Ceita estâ o fortissimo leão,  
Que cercado se ve dos caualleiros  
Que os campos vão correr de Tutuão,  
Perseguenno com as lanças, & elle irroso  
Toruado hũ pouco estâ, mas não medro

(so.  
† Diz isto, porque em Ceita ha muitos leões, como  
tambem Virgilio, pera nomear hum cão chama  
Molosso, porque destes são os boões, como os leões  
de Ceita.

- 35 Com torua vista os vê, mas a natura  
Ferina, & a ira, não lhe compadecem  
Que as costas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrecem:

Tal está o cavalleiro que a verdura  
 Tinge co sangue alheio: ali perecem  
 Algús dos seus, que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Ioanne a afronta que passava  
 Nuno, que como sabio capitão, 36  
 Tudo corria, & via, & a todos dava  
 Com presença & palauras coração:  
 Qual parida lioa fera, & braua,  
 Que os filhos que no ninho sôs estão  
 Sentio, que em quâto pasto lhe buscara,  
 O pastor de †Malsilia lhos furtara.

† *Malsilia* he cidade da prouincia de Narbona.  
 Foy edificada antes do parto da virgem senhora  
 nõssa, seiscentos & doze annos, de spois da morte  
 de David Rey, quatrocentos & oytenta & quatro.  
 He terra de muito bom vinho, & de muito gado,  
 por isso de muitos pastores. Por esta razão põe o  
 pastor de *Malsyilia* o Camões, como tambem *Vir-*  
*gilio*, que vsando desta mesma cõparação assi põe.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos,  
 Os montes sete irmãos atroa & abala, 37  
 Tal Ioanne, com outros escolhidos  
 Dos seus, correndo acode à primeira ala.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

O fortes companheiros, o subidos  
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,  
Defendei vossas terras, que a esperança  
Da liberdade, está na vossa lança.

38. Vedesme aqui Rei vosso, & companheiro,  
Que entre as lâças, & setas, & os arneses  
Dos inimigos corro, & vou primeiro:  
Pelejay verdadeiros Portugueses.  
Isto disse o magnanimo guerreiro  
E sopessando a lança quatro vezes,  
Com força tira, & deste vnico tiro,  
Muitos lançarão o vltimo suspiro.

39. Porque eis os seus acesos nouamente  
D'hũa nobre vergonha, & honroso fogo  
Sobre qual mais com animo valente,  
Perigos vencerã do Marcio jogo,  
Porfião: tinge o ferro o fogo ardente,  
Rompê malhas primeiro, & peitos logo,  
Assi recebem junto & dão feridas  
Como a quẽ ja não doe perder as vidas.

40. A muitos mãdão ver o †Stigio lago (ua  
Em cujo corpo a morte, & o ferro entra-  
O mestre

O mestre morre ali de Sanctiago,  
 Que fortissimamente pelejava,  
 Morre tambem, fazendo grande estrago,  
 Outro mestre cruel de Calatraua,  
 Os Pereiras, que tambem são rebelados,  
 Finalmente são aqui desbaratados.

† Styge, he vocabulo Grego. quer dizer tristeza,  
 ou choro. Fingem os Poetas, que he alagoa dos in-  
 fernos. Mas na verdade he hũa fonte em Arcadia,  
 de muito roim agoa, & danosa pera as bestas, ou  
 quẽ a bebe: porque he tão fria em tão summo grao,  
 que quem a bebe se lhe congelão as entranhas, &  
 disto morre.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome,  
 Vão, & tãbem dos nobres ao † profundo,  
 Onde o \*Trifauce cão perpetua fome  
 Tem, das almas que passão deste mundo,  
 E porque mais aqui se amanse & dome  
 A soberba do imigo furibundo,  
 A sublime bandeira Castellana,  
 Foi derribada aos pês da Lusitana.

† Diz isto, falando como Poeta, ao modo Gentili-  
 co, porque o paraíso delles toda estaua embaixo

Os Lusíadas de Luis de Cãmões.

nos infernos, mas dezião que auia hum lugar apartado, aonde hião os justos, ao qual lugar chamao ão cãpos Elifios.

\* Fingião os poetas, que na boca do inferno estaua hum cão a que chamaoã Cerbero . o qual estaua em guarda, que não saiffem as almas q̃ la estauão, nem de ca la fossen homẽs com corpos. Este matou a Theseu, quando foy com Perytho aos infernos, & quiferão la entrar por força. Chamalhe Tri fauce, porque tinha tres cabeças, & quer dizer tri, tres, fauce, garganta.

42 Aqui a fera batalha se encruece,  
Com mortes, gritos, sangue & cutiladas,  
A multidão da gente que perece,  
Tem as flores da propria cor mudadas;  
Ia as costas dam & as vidas : ja falece  
O furor, & sobejão as lançadas,  
Ia de Castella o Rei desbaratado  
Se vee, & de seu proposito mudado.

43 O campo vay deixando ao vencedor,  
Contente de lhe não deixar a vida,  
Seguemno os que ficarão, & o temor  
Lhe da não pès, mas asas à fugida:

Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, da desonra, & triste nojo  
 De ver outré triumphar de seu despojo.

Algús vão maldizendo & blasfemando 44  
 Do primeiro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura vão culpando  
 Do peito cobiçoso & sitibundo:  
 Que por tomar o alheio, o miserando  
 Pouo aventura às penas do profundo,  
 Deixando tantas mãis, tantas esposas  
 Sem filhos, sem maridos desditosas.

O vencedor Ioane esteue os dias 45  
 Costumados no campo, em gráde gloria  
 Com offertas despois, & romarias  
 As graças deu a quem lhe deu victoria:  
 Mas Nuno q̄ não quer por outras vias,  
 Entre as gentes deixar de si memoria,  
 Se não por armas sempre soberanas,  
 Pera as terras se passa Transtaganas.

Ajudao seu destino de maneira 46  
 Que fez igual effeito ao pensamento,

Porq̄



Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despojo, & o vencimento  
Ia de Seuilha a Betica bandeira.

E de varios senhores nũ momento,  
Se lhe derriba aos pês sem ter defesa,  
Obrigados da força Portuguesa.

- 47 Destas & outras victorias longamente  
Erão os Castellanos opprimidos  
Quando a paz desejada ja da gente  
Derão os vencedores aos vencidos:  
Despois que quis o padre omnipotente,  
Dar os Reis inimigos por maridos  
Aas duas illustrissimas Inglesas,  
Gentis, fermosas, inelytas princezas.

- 48 Não soffre o peito forte vsado à guerra  
Não ter imigo ja a quem faça dano,  
E assi não tendo a quem vencer na terra  
† Vay cometer as ondas do Oceano:  
Este he o primeiro Rey que se desterra  
Da patria, por fazer que o Africano,  
Conheça pollas armas, quanto excede  
A ley de Chisto à ley de Mafamede.

† *Escreue como forão os Portugueses a Affrica.*

Eis mil nadantes †aves pello argento  
 Da furiosa \*Tetis inquieta,  
 Abrindo as †pandas aſas vão ao vento  
 Pera onde \*Alcides pos a extrema meta:  
 O monte †Abila, & o nobre fundamêto.  
 De Ceita toma, & o torpe Mahometa,  
 Deita fora, & ſegura toda Eſpanha  
 Da \*Iuliana, mã, & deſleal manha.

\* Chama as naos aues, porque co vento andão, ou voão, & por iſſo lhe chama nadantes.

† Inquieta chama a Tethis, porque o mar ſempre bolle, ou com vento, ou calmaria.

\* Pandas quer dizer curuas, he proprio epytheto de velas, às quaes chama aſas, porque perſeuerare ainda na metaphora de riba, quando chamou às naos aues, porque aſſi como as aues voão com as aſas, aſſi as naos com velas.

† O Estreito de Gibraltar, aonde pôs Hercu'les a derradeira columna, como atras fica dito.

\* Abyla & Calpe, são os dous cabos que eſtão no Estreito de Gibraltar.

† Iuliana mã, he a Caba, filha do conde Iulião, que forã deſleaes, & derão entrada aos Mouros em Eſpanha.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

50 Não consentio a morte tantos annos  
Que de <sup>t</sup>Heroe tão ditoso se lograsse  
Portugal: mas os coros soberanos  
Do ceo supremo, quis que pouoasse:  
Mas pera defensam dos Lusitanos  
Deixou quem o leuou, quem governasse  
E aumentasse a terra mais que dantes,  
Incllyta geração, altos Iffantes.

*Heroe se chamaua quem fazia algum feito Heroico.*

51 Não foy do Rey Duarte tão ditoso,  
O tempo que ficou na summa alteza,  
Que assi vay alternando o tempo iroso,  
O bem co mal, o gosto co a tristeza:  
Quem vio sempre hú estado deleitoso?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neste Reino, & neste Rey  
Não ysou ella tanto desta ley?

52 Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando  
Que a tão altas empresas aspiraua,  
Que por saluar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno se entregaua:

Sô por amor da patria estâ passando  
 A vida de senhora feita escraua,  
 Por não se dar por elle a forte Seita  
 Mais o publico bem que o seu respeita.

† Codro porque o inimigo não vencesse, 53  
 Deixou antes vencer da morte a vida  
 Regulo porque a patria não perdesse,  
 Quis mais a liberdade ver perdida:  
 Elte porque se Espanha não temesse  
 A captiueiro eterno se conuida:  
 Codro, nem \*Curcio, ouuido por espáto  
 Nem os †Decios leais fizeram tanto.

† Codro foy Rey dos Atbenienses: estado cercada dos Poloponenses, dixe o oraculo aos de Athenas, q̄ vee rião aos Poloponenses tãto q̄ mataſſe seu proprio Rey Codro: o q̄ sabido elle, por liurar sua patria, se vestio em trajos de pobre, & desconhecido come çou a desonrar hũs soldados, & assi lhes deu occa sião pera q̄ o mataſsem.

\* Em Roma se abriu hũa coua, & tiuerão repostã do oraculo, q̄ se não auia de tapar sem lbe lançarẽ a mais fermosa cousa do mũdo: auerigou se q̄ a mais fermosa cousa era hũ homẽ armado a cavallo: o q̄ visto Q Cartio, se armou, & pôdoſe a cavallo, se lançou na coua por amor da patria.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

\* Mais me parece que se ha de ler Curio, que Curcio, o qual foy cidadão Romano, & estando assentado em hum banco, os embaixadores dos Summites lhe offercerão muita quantidade de ouro, que trazião pera o darem publicamente, o qual mandando distribuir por todos, sem tomar nada, lhe dixerão os embaixadores, porque não tomava alguma cousa. Respondeo: Mais quer Marco Curio mandar os ricos, que ser rico, & a quem não pode vencer hum exercito, mal podera ser vencido do dinheiro.

† Decios forão tres, o pae, o filho, & o neto, os quaes se offercerão á morte por defensão da patria. O pae morreo na guerra que tiuerão cos Franceses: o filho na guerra Ethrusca, o neto na de Pyrrho, pelos de Tarento.

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro:

54

Nome é armas ditoso, em nossa Hesperia  
Que a soberba do barbaro fronteiro,  
Tornou em baxa & humilima miteria,  
Fora por certo inuicto caualleiro,  
Se não quiserá yr ver a terra † Iberia:  
Mas Affrica dirá ser impossibil,  
Poder ninguem vencer o Rey terribil.

Iberia

† *Iberia se entende pellas terras de Espanha, por do nde passa o Rio Ebro, q̄ são as terras de Aragão & Navarra. E diz del Rei dom Affonso de Portugal, q̄ foy muito valeroso contra os Mouros, mas que a ambição de yr entrar pellas terras do Rio Ebro, dos estados de Castella, & Aragão, lhe causou ser vencido, como se ve nas historias de Portugal, posto que foy restaurado pello filho dom Ioão, que despois foi Rei.*

Este pode colher † as maçãs de ouro, 55  
 Que samente o Terintio colher pode,  
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
 A ceruiz inda agora não sacode:  
 Na frente a palma leua, & o verde louro  
 Das victorias do barbaro, que acode  
 A defender Alcacer forte villa,  
 Tangere populoso, & a dura Arzilla.

† *Diz isto, porque em Affrica dezião os poetas que estava o horto das Hesperidas que tinha maçãs douro, & as guardava hum dragão. Hercules o matou, & trouxe as maçãs a el Rey Erysteo. Chama a Hercules Teryntio, porque era de Terynta. E diz que el Rey dom Affonso colheo estas maçãs, porque passou a Affrica.*

56 Porem ellas em fim por força entradas,

Os muros abaxarão de Diamante,

Aas Portuguezas forças costumadas

A derribarem quanto achão diante,

Marauilhas em armas estremadas,

E de escriptura dinas elegante,

Fizerão caualleiros nesta empresa

Maís, affinando a fama Portuguesa.

57 Porem despois tocado de ambição,

E gloria de mandar amara & bella,

Vay cometer Fernando de Aragão

Sobre o potente Reino de Castella,

Ajuntase a inimiga multidão,

Das soberbas & varias gentes della,

Desde Caliz ao alto Perineo,

Que tudo ao Rey Fernando obedeeo.

58 Não quis ficar nos Reinos ocioso,

O mancebo Ioanne, & logo ordena

De ir ajudar o pay ambicioso,

Que então lhe foy ajuda não pequena,

Sãiose em fim do trance perigoso,

Com fronte não toruada, mas serena

Desbaratado o pay sanguinolento:

Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano, 59  
 Gentil, forte, animoso caualleiro,  
 Nos contrarios fazendo immenso dano,  
 Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
 Desta arte foy vencido Octauiano,  
 E Antonio vencedor seu companheiro,  
 Quando daquelles que Cesar matârao  
 Nos Philipicos campos se vingârao.

Porem depois que a escura noite eterna, 60  
 Affonso aposentou no Ceo sereno,  
 O Principe que o Reino entâo gouerna,  
 Foy Ioanne segundo, & Rey trezeno:  
 Este por auer fama sempiterna,  
 Mais do q̄ tentar pode homem terreno,  
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, q̄ eu vou buscâdo agora.

Manda seus mensageiros que passarâo 61  
 Espanha, França, Italia celebrada,  
 E la no illustre porto se embarcârao,  
 Onde ja foy <sup>†</sup>Partenope encerrada  
 Napoles onde os fados se mostrârao  
 Fazendoa a varias gentes subjugada,  
 Polla illustrar no fim de tantos annos,  
 Co senhorio de inclitos Hispanos.



62 † Parthenope foy bñã das Sereas que se despenba-  
rão por passar Vlyxes a saluamento com seus com-  
panheiros: Hũa destas foy ter a Napoles, que he o  
porto de que aqui fala, aonde ella está enterrada,  
& cada anno lhe erguião sobre sua sepultura mui-  
tas tochas acensas.

62 Polo mar alto † Siculo nauegão,  
Vãose às praias de Rodes arenosas,  
E dali às \* ribeiras altas chegam,  
Que com morte de Magno sam famosas:  
Vão a † Menfis, & às terras que se regão,  
Das enchentes Niloticas vndosas,  
Sobem aa \* Ethiopia, sobre Egipto,  
Que de Christo la guarda o sancto rito.

† Chamalbe mar Siculo, pelas Ilhas Siciladas, que  
são 54. que jazem antre Calabria, & a terra que  
está ao Levante. Por aqui forão os primeiros des-  
cubridores por terra.

\* As ribeiras de Alexandria, cidade de Egipto, não  
longe da boca do Nilo, edificada por Alexandro,  
que lhe pos seu nome, cidade mui fertil.

† Memphis cidade Real de Egipto, segunda des-  
pois de Alexandria, aonde estiuerão os pyramides  
sepulturas.

† *A Ethyopia sobre Egipto, he o Preste loão, & por isso diz que guardão o rito de Christãos.*

Passam tambem as ondas † Erythreas,  
 Que o pouo de Israel sem nao passou,  
 Ficãolhe atras as serras \* Nabatheas,  
 Que o filho de Ismael co nome ornou:  
 As costas odoríferas Sabeas,  
 Que a mãe do bello † Adonis tão hõrou  
 Cercão, com toda a Arabia descuberta  
 \* Felix, deixando a Petrea, & a Deserta.

63

† *Ondas Erythreas, he o deserto, que faz ondas de areia como de agoa.*

\* *Serras Nabatheas, entende Arabia.*

† *Adonis foy hum mancebo muito gentilhomem, filho de Cyniras Rey, auido de hũa filha sua Myrrha, a qual fingem ser despois mudada em aruore de seu nome, que produz encenso.*

\* *Ha tres Arabias, Felix, Petrea, & Deserta, vede atras, fol. 19.*

Entrão no estreito † Persico, onde dura  
 Da confusa Babel, inda a memoria.  
 Ali co Tigris o Eufratres se mistura  
 Que as fontes onde nascé té por gloria:

64

P

Dali

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Dali vão em demanda da agoa pura,  
Que causa inda sera de larga historia.  
Do Indo, pellas ondas do Oceano,  
Onde não se atreueo passar \*Trajano.

\* O estreyto Persico, he o que veyter de Baçora a Ormuz, & nelle entrão os dous rios Tigris, & Euphrates, que dizem vem do paraíso terreal, & passa hum delles por Babylonia. Este estreito tem de hũa parte Persia, & da outra Arabia.

\* O Imperador Trajano, passou con seu exercito, o Egipto deserto, & a Babylonia, & chegou a Baçora, que he cidade principal, que está no principio do Estreito Persico, que entra no mar Indico, na Ilha de Ormuz. E de Baçora não ousou passar este Imperador, inda que sua tẽção era passar à India.

65 Virão gentes incognitas estranhas  
Da India, de \*Carmania, & \*Gedrosia,  
Vendo varios costumes, varias manhas,  
Que cada Região produz & cria:  
Mas de vias tão asperas, tamanhas  
Tornarse facilmente não podia,  
La morrerão em fim, & la ficarão,  
Que à desejada patria não tornarão.

Carmania

\* Carmania Região de Asia maior, da qual escreue Pomponio.

\* Gedrosia, Região de Asia maior.

Parece que guardaua o claro Ceo 66

A Manoel, & seus merecimentos,  
Esta empresa tão ardua, que o moueo  
A subidos & illustres mouimentos.

Manoel que a Ioanne succedeo  
No Reino, & nos altiuos pensamentos,  
Logo como tomou do Reyno cargo,  
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento 67

Daquella obrigação que lhe ficara,  
De seus antepassados (cujo intento,  
Foy sempre acrecentar a terra chara )  
Não deixasse de ser hum so momento  
Conquistado: No tempo que a luz clara  
Foge, & as estrellas nitidas que saem  
A repouso conuidão quando caem.

Estando ja deitado no aureo leyto, 68

Onde as imaginações mas certas sam,  
Reuoluendo contino no conceyto  
De seu officio & sangue a obrigação,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Os olhos lhe occupou o sonno aceito,  
Sem lhe desocupar o coração:

Porque tanto que lasso se adormece

† Morfeo em varias formas lhe aparece.

† Morpheo fingirão os Poetas que era Deos do sonno, & se mudava em varias figuras, porque communmente os sonhos nos representam figuras varias, de que depois de acordados não podemos dar fee, nem acordarnos.

- 69 Aqui se lhe apresenta que subia  
Tam alto que tocaua a prima esphera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente, estranha, & fera:  
E laa bem junto donde nace o dia  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio de antigos lóginquos & altos môtes  
† Nacerem duas claras & altas fontes.

† Sonhou que olhando pera Leuante, viu duas claras fontes, que são os dous rios que tem no meio a India, chamados o Indo, & Gange.

- 70 Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte seluatico habitauão,

Mil arvores syluestres, & eruas varias  
 O passo & o trato aàs gentes atalhauão:  
 Estas duras montanhas aduersarias,  
 De mais conuerfiação, por si mostrauão  
 Que desque Adão pecou aos nossos ános  
 Não as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião 71  
 Por elle os largos passos inclinando,  
 Dous homês, que muy velhos parecião  
 De aspeito, inda q̄ agreste, venerando:  
 Das pontas dos cabellos lhe saião  
 Gotas, q̄ o corpo todo vão banhando,  
 A cor da pelle baça & denegrada  
 A barba hirsuta, intonfa, mas comprida,

Dambos de dous a fronte coroada 72  
 Ramos não conhecidos, & eruas tinha,  
 Hum delles a presença traz cansada,  
 Como quem de mais longe ali caminha,  
 E así a agoa com impeto alterada  
 Parecia que doutra parte vinha,  
 Bé como †Alfeo de Arcadia em Syracusa  
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

† Alfeo, be nome proprio de homem: dizem os poe-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

tas que se namorou de Arcthusa, & foy mudado  
em rio, & correndo por debaixo do mar, vai se aca-  
bar na fonte de Sicilia, chamada Arctusa, a qual  
foy dantes molher: chamale Alfeo Darcadia, por-  
que he rio de Arcadia.

73 Este que era o mais graue na pessoa  
Destarte pera o Rey de longe brada,  
O tu a cujos Reinos & coroa  
Grande parte do mundo está guardada,  
Nos outros, cuja fama tanto voa  
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,  
Te auifamos que he tempo q̄ ja mandes  
A receber de nos tributos grandes.

74 Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro:  
Custartemos com tudo dura guerra,  
Mas insistindo tu por derradeiro,  
Com não vistas victorias, sem receio,  
A quantas gentes vês porâs o freio.

75 Não disse mais o rio illustre & sancto,  
Mas ambos desaparecem num momento,

Acorda Emanuel cum nouo espanto,  
 E grande alteração de pensamento:  
 Estendeo nisto Phebo o claro manto  
 Pello escuro Emisperio somnolento:  
 Veio a menháa no ceo pintando as cores  
 De pudibunda rosa, & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho, 76  
 E propóelhes as figuras da visam,  
 As palauras lhe diz do sancto velho,  
 Que a todos foráo grande admiração:  
 Determináo o nautico aparelho,  
 Pera que com sublime coração  
 Vaa a gête q̄ mandar cortando os mares,  
 A buscar nouos climas, nouos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito 77  
 Se possesse o que o peito me pedia,  
 Que sempre grandes coufas deste geito,  
 † Presago o coração me prometia:  
 Não sey porque razão, porque respeito,  
 Ou porque bom final que em mi se via,  
 Me pôe o inclyto Rey nas mãos a chaue  
 Deste cometimento grande, & graue.

† Presago, propriamente he o que nos adeuinha o coração.



78 E com rogo & palauras amorosas (ga  
 Que he hũ mádo nos Reis q̃ a mais obri  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 Se alcanção com trabalho, & cõ fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas,  
 A vida que se perde & que periga,  
 Que quádo ao medo infame não se réde  
 Então se menos dura mais se estende.

79 Eu vos tenho entre todos escolhido  
 Para hũa empresa qual a vos se deue,  
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,  
 O que eu sey que por mi vos sera leue:  
 Não sofri mais, mas logo, O Rey subido  
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,  
 He tão pouco por vos, q̃ mais me pena  
 Ser esta vida cousa tão pequena.

80 Imaginay tamanhas auenturas  
 Quaes Euristeo a †Alcides inuentaua,  
 O lião Cleonêo, Arpias duras,  
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
 Decer em fim às sombras vans & escuras  
 Onde os campos de \*Dite a Estige laua,  
 Porque a mayor perigo, a môr affronta  
 Por vos, o rei, o sprito & carne he prôpta.

\* Como Hercules fosse filho de Iupiter adulterino: não pode sofrer luno molher de Iupiter ver o filho de seu marido tão triumphante, foyse a Eurysteo, filho de Stenalo Rey de Mycenae, que propusesse a Hercules a grandes aventuras, pera que nellas morresse, mas mais trabalho tinha Eurysteo em as propor a Hercules, que Hercules em vencellas. Por industria & engano de Eurysteo, cuidando que morresse Hercules, lbe mandou buscar o Leão que andava destruindo as terras da villa de Cleone, as Harpyas, que erão hũas aues mui feroces, o porco montes de Herymanto, que trouxe às costas, com cuja medonha vista se escondeo Eurysteo, a serpe chamada Hydra de sete cabeças, o Cãocerbero dos infernos, que tambem trouxe, & outras aventuras, que lbe ficarão dos doze trabalhos.

\* Dite, tomase aqui por Plutão Rei dos infernos.

Com mercês sumptuosas me agradece,  
 E com razões me louua esta vontade,  
 Que a virtude louuada viue & crece,  
 E o louuor altos casos persuade:  
 A acompanharme logo se offerece  
 Obrigado damor & damizade,  
 Não menos cobiçoso de honra & fama,  
 O charo meu irmão Paulo da Gama.

O5 Lusíadas de Luis de Camões.

82 Mais se me ajuntá Nicolao Coelho  
De trabalhos mui grande soffredo r,  
Ambos de valia, & de conselho,  
De experiencia em armas & furor:  
Ia de manceba gente me aparelho,  
Em que crece o desejo do valor,  
Todos de grande esforço, & assi parece  
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83 Forão de Emanoel remunerados,  
Porque com mais amor se apercebessem,  
E com palauras altas animados,  
Pera quantos trabalhos succedessem,  
Assi forão os Mynias ajuntados  
Pera que o veo dourado combatessem,  
Na Fatidica nao, que ousou primeira  
Tentar o mar Euxinio aventureyra.

84 E ja no porto da inclita Vlyssæa,  
Cum aluroço nobre, & cum desejo,  
(Onde o licor mistura, & branca areia  
Co salgado Neptuno o doce Tejo)  
As naos prestes estão, & não refrea  
Temor nenhum o juvenil despejo,  
Porque a gente maritima, & a de Marte,  
Estão pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados, 85  
 De varias cores vem, & varias artes,  
 E não menos de eforço aparelhados  
 Pera buscar do mundo nouas partes:  
 Nas fortes naos os ventos sossegados,  
 Ondeão os aérios estandartes,  
 Ellas prometem vendo os mares largos,  
 De fer no Olipo estrellas como a de <sup>†</sup>Ar-  
 gos. 88

*† Argos pastor, tinha cẽ olhos ao redor da cabeça.  
 Foi morto por Mercurio, & Iuno lhe mudou olhos  
 q̃ tinha em olhos de rabo de pauão sua aue.*

Despois de aparelhados desta sorte 86  
 De quanto tal viagem pede & manda,  
 Aparelhamos a alma pera a morte,  
 Que sêpre aos nautas ante os olhos áda:  
 Pera o sumo poder q̃ a Etherea corte  
 Sostenta so coa vista veneranda,  
 Imploramos fauor que nos guiasse,  
 E que nossos começos aspirasse.

Partimonos assi do sancto templo, 78  
 Que nas praias do mar està assentado,  
 Que o nome tem da terra, pera exêplo,  
 Dõde Deos foy en carne ao mûdo dado.

Certez

Os Lusíadas De Luis de Camões.  
Certificote ô Rey, que se contemplo  
Como fuy destas praias apartado,  
Cheio dentro de duuida, & receio,  
q̄ apenas nos meus olhos ponho o freio.

*9 Diz isto, porque antiguamente se embarcauão  
os que bião pera a India em Betblem.*

88 A gente da cidade aquelle dia  
Hús por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver semente, concorria  
Saudosos na vista, & descontentes:  
E nos co a virtuosa companhia  
De mil religiosos diligentes,  
Em procissam solenne a Deos orando.  
Pera os bateis viemos caminhando.

89 Em tão longo caminho, & duuidoso,  
Por perdidos as gentes nos julgauão,  
As mulheres cum choro piadoso,  
Os homés com suspiros que arrancauãos  
Máis, Esposas, irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrescentauão  
A desesperação, & frio medo  
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual

**Q**u al vay dizendo: O filho a quẽ eu tinha 90  
 So pera refrigerio & doce emparo  
 De sta cansada ja vilhice minha,  
**Q**ue em choro acabará, penoso & amaro  
 Porque me deixas, misera & mezquinha  
 Porque de mi te vas, o filho charo  
 A fazer o funero enterramento,  
 Onde sejas de de peixes mantimento?

**Q**ual em cabelo: O doce & amado espeso 91  
 Sem quem não quis amor q̃ viuer possa,  
 Porque is auenturar ao mar iroso  
 Essa vida que he minha, & não he vossa?  
 Como por hum caminho duuidoso  
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento,  
**Q**uereis q̃ com as vellas leue o vento?

Nestas & outras palauras que dizião  
 De amor, & de piadosa humanidade, 92  
 Os velhos & os mininos os seguião,  
 Em quem menos esforço poê a ydade:  
 Os montes de mais perto respondião  
**Q**uasi mouidos de alta piedade,  
 A branca areia as lagrimas banhauão  
**Q**ue em multidão co ellas se igoalauão.

93 Nos outros sem a vista aleuantarmos,  
Nem a máy, nem a esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do proposito firme começado:  
Determiney de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que posto que he de amor vfança boa  
A quem se a parta, ou fica, mais magoa.

94 Mas hum velho daspeito venerando,  
Que ficaua nas praias entre as gentes,  
Posto em nos os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada hum pouco aleuantando,  
Que nos no mar ouuimos elaramente,  
Cum saber so dexperiencias feyto  
Tais palauras tirou do experto peito.

95 O gloria de mandar, o vaá cobiça  
Desta vaidade, a quem chamamos fama,  
O fraudulento gosto, que se atixa  
Cúa aura popular, que honra se chama  
Que castigo tamanho & que justiça  
Fazes no peito váo que muito te ama,  
Que mortes, que perigos que tormentas  
Que crueldades nelles esprimentas

Dura inquietação dalma & da vida 66  
 Fonte de desemparos & adulterios,  
 Sagaz consumidora conhecida  
 De fazendas de reinos, & de imperios  
 Chamante illustre, chamáte subida,  
 Sendo dina de infames vituperios,  
 Chamante Fama, & Gloria soberana,  
 Nomes cõ quem se o pouo nescio engana

A que novos desastres determinas 97  
 De levar estes reinos & esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhe destinas  
 Debaixo dalgum nome preminente?  
 Que promessas de reinos, & de minas  
 Douro, que lhe faras tão facilmente?  
 Que famas lhe prometeras, q̃ historias?  
 Que triumphos, q̃ palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle infano 98  
 Cujõ peccado & desobediencia  
 Não fõmente do Reino soberano  
 Te pos neste desterro & triste ausencia:  
 Mas inda doutro estado mais q̃ humano  
 Da quieta & da simpres innocencia,  
 † Idade douro tanto te priuou  
 Que na de ferro & darmas te deitou.



♦ Fingirão os poetas, que ouue quatro idades. A primeira chamarão douro, quando os homẽs não sabião mal nenhum, a terra de si daua sustentamento pera elles. A segunda de prata, quando começaram os homens a fazer casas particulares. A terceira, de metal, quando nacerão guerras, mas justas. A quarta de ferro, na qual sayo toda a maldade.

99 Ia que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enleuas a leue fantasia,  
 Ia que aa bruta crueza & feridade  
 Poseste nome, esforço & valentia.  
 Ia que prezas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que deuia  
 De ser sempre estimada, pois que ja  
 Temeo tanto perdella quem a dà.

100 Não tẽs junto contigo o Ismaelita  
 Com qué sempre terãs guerras sobejas?  
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,  
 Se tu polla de Christo so pelejas?  
 Não tem cidades mil, terra infinita  
 Se terras & riquezas mais desejas?  
 Não he elle por armas esforçado?  
 Se queres por victorias ser louuado?

Deixas criar às portas o inimigo 102  
 Por ires buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despouoe o reino antigo  
 Se enfraqueça & se vâ deitando a longe  
 Buscas o incerto & incognito perigo  
 Porque a fama te exalte & te lifonge,  
 Chamando te senhor com larga copia  
 Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito o primeiro que no mundo 102  
 Nas ondas vellas pos em seco lenho,  
 Dino da eterna pena do profundo,  
 Se he justa a justa ley q̄ sigo & tenho:  
 Nunca juyzo algum alto & profundo,  
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,  
 Te dè por isso fama, nem memoria:  
 Mas cõtigo se acabe o nome & a gloria.

Trouxe o filho de †Iapeto do Ceo  
 O fogo que ajuntou ao peito humano, 103  
 Fogo que o mundo em armas acendeo  
 Em mortes, em desonras (grãde engano)  
 Quanto melhor nos fora Prometeo,  
 E quanto pera o mundo menos dano,  
 Que a tua estatua Illustré não tiuera  
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

101 Os poetas fingem que Prometheo fez hum homẽ de barro, & vendoo tão fermoso, vio que lhe faltava calor, por onde foy ao ceo, & furtando fogo, lho meteo no peito. pello qual foy castigado, que nos infernos as Harpias lhe estejam continuamente comendo os bofes. Interpretão algũs esta fabula, & dizem que se finge que fez o homem, porque foi o primeiro que os ensinou a viuer humanamente acendendolhe o peito, co fogo do desejo da bonra.

104 Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pay, nem o ar vazio  
O grande \* Achitector co filho, dando  
Hũ nome ao mar, & o outro fama ao rio  
Nenhum cometimento alto & nefando  
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,  
Deixa intentado a humana geração:  
Miseria forte, estranha condição!

\* Phaetonte, atras, fol. 18.

\* Dedalo estando fechado com seu filho Icaro em hũa torre, inuentou como era engenboso as as pegadas com cera, & pondoas em si, & em seu filho, lhe disse que voando não fosse muito alto, porque com a quentura do sol se não derreteffe a cera, & caisssem as penas, nem fosse muito baixo, porque

anião de paſſar hum mar, & com a frialdade  
 delle, endureceſeſeſeſeſe a cera, & não poderião mo-  
 uerſe as penas. Começarão a voar, & o moço  
 como ſe vio no ar, voou alto, & derreten-  
 doſeſeſe a cera, cabio no mar & afo-  
 gouſe, & de Icaro, chamouſe  
 o mar Icaro. O pae  
 paſſou a ſala  
 no.



Q 2

PROSIGVE

**P**ROSEGVE, SVA PRAZICA, dando conta como partio de Portugal, anno de 1497. Recitaje poeticamente o descobrimento do cabo de Boaesperança, & conta por extenso toda sua derrota, referindo todos os casos que lhe succederão a te chegar a India, onde ora está.

**CANTO QVINTO.**



**S**TAS SENTENÇAS taes o velho hórado  
Vociferando estaua, quando abrimos  
As alas ao sereno & sossegado

Vêto, & do porto amado nos partimos:  
E conio he ja no mar costume vsado  
A vella desfaldrando, o ceo ferimos,  
Dizendo, Boa viagem, logo o vento  
nos troncos fez o vsado mouimento.

Entraua

Entraua neste tempo o teterno lume, 2  
 No animal \*Nemeyo truculento,  
 E o mundo q̄ com tempo se consume  
 Na seista †idade andaua \*enfermo e lêto:  
 Nella ve, como tinha por costume  
 Cursos do sol quatorze vezes cento,  
 Com mais nouenta & sete, em q̄ corria  
 Quando no mar a armada se estendia.

Anno de  
1497.

† Lume eterno chama o Sol, porque eternamente allamia.

\* Animal Nemeio, entende o Leão que hercules matou na mata Nemeia, na qual mata os Gregos celebrão a Hercules em memoria deste Leão hãas festas a q̄ chamaũo Nemeias, ou jogos Nemeios. E quãto ao que diz do Sol que entraua neste Leão falla o Poeta conforme à doutrina dos Mathematicos, que dizem que ha doze signos no Zodiaco, em cada hum dos quaes entra o sol cada mes. E quando Hercules matou este leão, fingem os poetas que foy leuado aos ceos, e o fizeram este signo, no qual entra o sol communmente aos catorze dias do mes de Julho.

† Os Philosophos repartirão a idade dos homẽs em seis partes, em Infancia, q̄ he ate sete annos: em puericia, que he dos sete annos ate os quinze: Adolescencia,

Os Lusíadas De Luis de Camões.

encia, ate os vintacinco: Iuuentude ate os trinta  
& cinco: Varão ate os quarenta & cinco: Velhice,  
ate os sesenta: Decrepidade dahi por diante. Varro,  
faz so cinco partes. Mocidade ate os 15. annos:  
mancebos ate os 30. Homens, até os 40. Velhos até  
os sesenta. Decrepitos dahi ate o fim da vida. Isto  
quanto á idade dos homens. A idade do mundo, de  
que o poeta falla, se diuide desta maneira em seis  
partes. A primeira, de Adão ate Noe. A segunda,  
de Noe ate Abrahamão. A terceira, de Abrahamão atee  
Dauid. A quarta, de Dauid, ate a transmigração  
de Iudea pera Babylonia. A quinta dahi ate a vir  
da de Christo em carne. A sexta he esta em que  
vay o mundo correndo, ate que torne a vir Christo  
glorioso, a condenar os maos, & a premiar os boos,  
na fim do mundo.

\* Enfermo de virtudes: ou tambem porque são ja  
agora os homens de mais fraca compreisam que os  
antigos. Chamalhe lento, que quer dizer vagaro-  
so, porque em Iulho parece que anda o sol mais de  
vagar, porque são os dias grandes: & chamalhe  
vagaroso, não porque o sol ande então mais de  
vagar, mas porque se vem acbegando do Tropi-  
co de Capricornio, pera o do Cancro, & anda  
mais impinado sobre nossa cabeça, & assi san

os dias maiores. E falla conforme aa opinião do vulgo errado, como muitas vezes faz Virgilio, Ouidio, & outros muitos graues poetas, o que se não concede a bystoriador.

Ia a vista pouco & pouco se desterra 3  
 Daquelles patrios montes que ficauão,  
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra  
 De Sintra, & nella os olhos se alógauão  
 Ficauanos tambem na amada terra  
 O coração, que as magoas lá deixauão,  
 E ja despois que toda se escondo  
 Não vimos mais em fim q̄ mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares 4  
 Que geração algũa não abrio,  
 As nouas ilhas vendo & os nouos ares,  
 Que o generoso † Henrique descobrio  
 De Mauritania os montes & lugares  
 Terra q̄ Anteo num tempo possuyo,  
 Deixando à mão ezquerda, q̄ à direita  
 \*Não ha certeza doutra, mas sospeita.

pp<sup>o</sup> O infante P. Henrique f.º de D. João o 1º foi o piº descobridor  
 † Porque foy o primeiro Rey de Portugal que pas-  
 sou a Affrica. *humo honrado a qm se deu o nome  
 em affrica* 24 Diz



\* Diz isto, porque estas terras não estão ainda descubertas de ninguém, & por isso se chama terra incognita.

5 Passamos a grande Ilha da madeira

Que do muito aruoredo assi se chama,

Das que nos pouoamos, a primeira,

† Mais celebre por nome, que por fama:

Mas nem por ser do mudo a derradeira

Se lhe auentajão quantas Venus ama,

Antes sendo esta sua se esquecera

De \*Cypro, Guido, Pafos, & Cythèra.

† Nome, quer dizer valia, porque esta ilha não he tanto nome, como valor.

\* Cypro, he a ilha de Chypre. Está antre Sicilia & Syria no mar Carpio, Chama-se a Ilha de Cypro, da cidade de Chypre, que nella está fundada. Estão nesta ilha as cidades de Cytera, donde se chama Venus Cytherea: a de Pafos, a de Palepafos, & Salamina. He hũa das mores ilhas, que ha no mar Mediterraneo. Guido, Pafos, & Cythera, são outras cidades, que estão nas ilhas do mar Mediterraneo.

6 Deixamos de Massilia a esteril costa,

Onde seu gado os † Azenegues pastão,

Gente

Gente que as frescas agoas nunca gosta  
 Nem as eruasdo campo bem lhe abastão;  
 A terra a nenhũ fruto em fim delposta  
 Onde as aues no vètre o ferro gastão,  
 Padecendo de tudo extrema inopia  
 Que aparta a barbaria de Etiopia.

*em ay*  
*Exalta.*

*† Azenegues, prouincia de Guine em Aprica, terra steril. Não bebem agoas frescas, porque não ha fontes na terra, & as agoas que bebem, são de cisternas, & esta vem de fora. Ha nella muitos animais, entre os quaes são as Emas, ou abestruzes, que são hãas aues tão grandes como burros, que comem & desistem ferro.*

Passamos o limite aonde chega

7

O Sol, que pera o Norte os carros guia,

Tropico

Onde jazem os pouos, a quem nega

do Cácro

O †filho de Climêne a cor do dia:

linha tẽz

Aquí gentes estranhas lava & rega

perada. *Simi*

Do negro \*Sanagà a corrente fria,

*de da Zona tẽz*

Onde o Cabo Arsinario o nome perde

*xi 2a*

Chamando se dos nossos Cabo verde.

*† Pbaetonte, filho de Climene, vede a sua fabula atraz, fol. 18.*

Os Lusíadas de Luis de Camões.

\* Rio do Cabo Verde, o qual Cabo, antigamente se chamou Arsinario, d' hũa moça Arsinaria, que ali governou.

8 Passadas tendo ja as † Canarias ilhas

Que tiuerão por nome Fortunadas,  
Entramos nauegando pollas filhas  
Do velho Hesperio \* Hesperidas chama-  
Terras por onde nouas marauilhas (das  
Andarão vendo já nossas armadas,  
Ali tomamos porto com bom vento  
Por tomarmos da terra mantimento.

† As Ilhas que agora se chamão Canareas, são as q̄ antigamente se chamarão Fortuna las, por ser mui fertiles de fructos. Strabo, no lib. 1. diz desta maneira. As Ilhas Fortunadas estão contra o termino de Mauritania, pera o Occidente, pera a qual parte correo tambem a fim de Espanha. Chama-se Fortunadas, porque as tinhão por taes. Seis Ilhas ouue, hũa dellas se chamou Ombrião, a outra Iunonia, a terceyra Fortunada, a quarta Capraria, a quinta Niuarria, porque estava sem pre cuberta de neue. A sexta Canarria, porque se criauão nella grandes cães. E desta como mais nobre, tomarão as outras todas o nome, & chamarão-se

marãoſe as Ilhas Canareas, como agora as chama-  
mos.

\* Hesperidas ſão as tres irmãs, por nome Egle,  
Aetbuſa, & Heſpertuſa, filhas de Heſpero ir-  
mão de Atlante. Está em Affrica hum promonto-  
rio das Hesperidas. São tãbem bñas ilhas de que fa-  
la Plinio, & Solino. Estas ſão as ilhas de Cabo ver-  
de, Santiago, ilha do Fogo, & do Sal, & outras, a  
que chamão de balraento.

A aquella ilha aportamos, que tomou

O nome do guerreiro Sanctiago,

Sancto q̄ os eſpanhoes tanto ajudou

A fazerem nos Mouros brauo eſtrago;

Daqui tanto que Boreas nos ventou

Tornarmos a cortar o immenſo lago,

Do ſalgado Oceano, & aſſi deixamos

A terra onde o refreſco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte

De Africa, que ficaua ao Oriente

A Prouincia Ialofo, que reparte

Por diuerſas nações a negra gente;

A muy grande Mandiga, por cuja arte,

Logramos o metal rico & luzente,

Que do curuo Gábea as agoas bebe

As quaes o largo Atlantico recebe.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Terras, & rios de Guiné, vay agora escreuendo.  
Mandinga, rio de Guiné, aonde se acha o ouro,  
o qual rio se vay meter no Rio Gambia, & vão a  
meterse no mar Atlantiço.

11 As † Dorçadas passamos, pouoadas  
Das\* Irmãas, q' outro tempo ali viuão,  
Que de vista total sendo priuadas  
Todas tres dhum so olho le seruião:  
Tu so, tu cujas tranças encrespadas  
Neptuno la nas agoas acendião,  
Tornada ja de todas a mais fea  
De biuoras encheſte a ardente area.

† As Dorçadas são junto da costa de Cabo verde.

\* As irmãas que se seruião de hum so olho, entendo  
de Medusa, & suas irmãs: as quaes ambas tinhão  
hum so olho que traſpassaõ hũa a outra, eſtando  
do em guarda de Medusa que dormia. Perseo lhe  
furtou o olho, indoo a dar hũa a outra, & assi cui-  
dando a hũa que a outra tinha o olho, entrou Per-  
seo onde estaua Medusa durmindo, & lhe cortou  
a cabeça.

12 Sépre em fim pera o † Austro a aguda proa  
No grandíssimo \*golfão nos metemos,

Dei-

Deixando a ferra alperrima Lyoa  
 Co Cabo a qué das Palmas nome demos  
 O grande rio, onde batendo soa  
 O mar nas prayas notas, que ali temos,  
 Ficou, co a Ilha illustre que tomou  
 O nome †d'hũ que o lado a Deos tocou.

¶ *Escreue como bião correndo a Costa de Affrica,  
 sempre com a proa pera o Sul, demandando o Ca-  
 bo de Boa Esperança.*

\* *Parece fazer imprprioamente, chamar do ao mar  
 largo golfam, mas porque lbe chama grandissimo,  
 soffreje, como Virgil que no 9. dos Aneid. chama  
 ao mar tanques immensos. Per Stagna immensa,  
 lacusq, tratando de Orião, quando cobrou a vista.*

† *Chamouse esta ilha de S. Thome, porque se des-  
 cubrio em aia de S. Thome.*

Ali o muy grande reyno està de Congo 14  
 Por nòs ja conuertido a fee de Christo,  
 Por onde o Zaire passa claro & longo  
 Rio pellos antigos nunca visto:  
 Por este largo mar em fim me alonga  
 Do conhecido pollo de †Calisto,  
 \*Tendo o termio ardente ja passado,  
 Onde o meyo do mundo he limitado.

*Calisto,*

\* Calysto, vede atrás.

*Em agua  
Dial nas for  
parte p. f. q.  
nomio da  
Zona torrida.*

20\* A linha torrida, que corta em decerto a ilha de  
 Santhome, porque divide os Ceos com cinco li-  
 neas, & a terra com outras tantas, & a torrida,  
 que he a do meio, he a que corta o mundo de meio  
 a meio, de Oriente a Ponente, porque doutra manei-  
 ra, como a terra he redonda, não pudera netta uer  
 principio, nem meio, nem fim. *paravice com o*

14 Ia descoberto tinhamos diante

† La no nouo Hemisperio noua estrella,  
 Não vista de outra gente, que ignorante  
 Algũs tempos esteue incerta della:  
 Vimos a parte menos rutilante  
 E por falta destrellas menos bella,  
 Do \* Polo fixo, † onde inda se não sabe  
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

† Isto diz, porque passando a linha, logo se perde  
 o Norte, & antes de chegar a ella algũs graos, mas  
 descobrese o pollo Antartico.

\* Polo fixo chama ao Polo Antartico, porque he  
 aonde o eyxo dos Ceos se sustenta, & não se move  
 como as outras estrellas.

† As terras dalem do Cabo de boa Esperança, não  
 são ainda descobertas, nem se sabe se as ha, somete  
 se

se sospeita, por amor do Estreito de Magalhães,  
que pois ba estreito, verisimil he que se faz da terra  
ra firme que vem correndo.

Assi passando aquellas regiões

15

Por onde duas vezes passa<sup>†</sup> Apolo,  
Dous inuernos fazendo & dous verões  
Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
Por calmas, por tormentas & oppressões  
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,  
Vimos as \* Vrsas a pesar de Iuno  
Banharense nas agoas de Neptuno.

† Apollo quer dizer o Sol. Passa duas vezes por estas regiões, desta maneira. Hũa vez passa quando vay do Tropico do Cancro pera o Capricornio, & outra quando torna dahi pera o Cancro. Os dous inuernos que faz, he quando passa pella linha <sup>do tropico de</sup> ~~per~~ <sup>per</sup> o Cancro, & como se vay achegando ao Cancro faz inuerno: despois que torna, & se vay chegando <sup>per</sup> o Capricornio, faz outro inuerno, porque se afasta o sol delles desta maneira todos os annos.

\* As duas guardas do Norte: as quaes fazem giro em torno do Norte, chamadas Vrsas.

Contarte longamente as perigosas

16

Cousas do mar q̄ os homês não entêdê,  
Subitas



Os Lulladas de Luis de Camões.

Subitas trauoadas, temerosas,  
Relampagos que o ar em fogo acendem:  
Negros chuteiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trouões q̄ o mūdo fendem,  
Náo menos he trabalho, q̄ grande erro  
Ainda que tiuesse a voz de ferro.

17 Os casos vi, que os rudos marinheiros  
Que tem por mestra a longa experiêcia,  
Cótão por certos sempre & verdadeiros,  
Iulgando as cousas so polla apparencia:  
E que os que tem juyzos mais ínteiros  
Que so por puro engenho & por ciêcia,  
Vendo mundo, os segredos escondidos  
Iulgão por falsos, ou mal entendidos.

18 Vi claramente visto o lume viuo  
Que a maritima gente tem por santo  
Em tēpo de tormenta, & vento esquiuo,  
De tempestade escura, & triste pranto,  
Náo menos foy a todos excessiuo  
Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
Ver as nuués do mar com largo cano,  
Soruer as altas agoas do Oceano.

Qual

Qual Roxa sanguesfuga se veria 21  
 Nos beijos da alimaria (que imprudente  
 Bebendo a recolheo na fonte fria)  
 Fartar co sangue alheio a sede ardente:  
 Chupádo mais & mais se engrossa & cria  
 Alli se enche, & se alarga grandemente,  
 Tal a grande coluna, enchendo aumêta,  
 A si, & a nuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou 22  
 O pê que tem no mar a si recolhe,  
 E pello ceo chouendo em fim vóou  
 Porque co a agoa ajacente agoa molhe:  
 Aas ondas torna as ondas que tomou:  
 Mas o sabor do sal lhe tira & tolhe,  
 Vejão agora os sabios na escriptura  
 Que segredos sam estes de natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão 23  
 Tantas terras, por ver segredos dellas,  
 As maravilhas que eu passei passarão  
 A tão diuersos ventos dando as vellas:  
 Que grandes escripturas que deixarão,  
 Que influição de signos & de estrellas,  
 Que estranhezas, que grandes calidades  
 E tudo sem mentir, puras verdades.

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
24 † Mas ja o Planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro (da:  
Mostrara, é quãto o mar cortaua a arma-  
Quãdo da Etherea gauea hũ marinheiro  
Prompto co a vista, terra, terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizante de Oriente.

† *Atras tratey dos Planetas, & seus lugares, o Planeta de que aqui falla he a Lũa. & escreue cinco Lũas nouas, q̃ quer dizer cinco mezes como costumão os poetas contar o tempo.*

25 A maneira de nuuês se começã  
A descrubrir os môtes que enxergamos,  
As ancoras peſadas se adereção,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E pera que mais certas se conheção,  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pello nouo instrumento do † Astrolabio  
Inuenção de gentil juyzo, & fabio.

† *Astrolabio, he hum instrumento de metal, com hum amestrador, que os mareantes costumão levar quando navegação, pera tomarem a altura do Sol,*

Sol, & saberem em que parte estão, tomão com elle 101  
o Sol ao meio dia.

Desembarcamos logo na espaçosa 26  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas deseiosa,  
Da terra que outro pouo não pisou:  
Porem eu cos pilotos na arenosa  
Praia, por vermos em que parte estou,  
Me detenho em tomar do sol a altura,  
E compassar a vniuersal pintura.

Carta de  
marear

Achamos ter de todo ja passado 27.  
† Do Semicapro peixe a grande meta,  
Estando antre elle, & o circulo \*gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta: Sul.  
Eis de meus companheiro rodeado  
Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
Que tomarão por força, é quãto apanha  
De mel os doces fauos na montanha.

† Semicapro peixe he hum dos signos celestes, meio  
peixe, & meio cabra. Achega ate a linha tempera-  
rada, que he o Tropico Capricornio. Quer dizer  
aqui Vasco da Gama, ou Camões por elle, que  
tinhão ja passada a linha temperada, que está

101 pera a banda do Sul: & ficava antre o polo Antartico, a que chama circulo gelado, & esta linha: antre as quaes duas linhas, s. a frigida, & temperada da banda do Sul, está o Cabo de boa esperança, que elles hão demandar.

\* Chama circulo gelado, porque como está muito afastado do Sol, nem lhe nunca atrega; continuamente está cuberta de neve: & as terras debaixo deste circulo, dizem que sam despouçadas por muito frias: porque ha nellas serras muy altas de neve, & o mar todo está continuamente de frio congelado.

- 28 Toruado vem na vista, como aquelle  
 Que não se vira nunca em tal extremo,  
 Nem elle entende a nos, nem nos a elle,  
 Seluagem, mais que o bruto † Polifemo:  
 Começolhe a mostrar da \* rica pelle  
 De Colchos, o gentil metal supremo,  
 A prata fina, a quente especiaria,  
 A nada disto o bruto se mouia.

† Polyfemo foy hum Gigante dos Cyclopes, que tinha hum so olho na testa, filho de Neptuno, & de Iboa, de grandissima estatura de corpo: repastava gado, & morava em hũa cova, aonde indo

ter Vlyxes com doze companheiros, & metendose  
 nella não estando ahi o Gygante, descuidouse em  
 ver o que na coua estaua. Vindo Polyfemo, & vês  
 doos, lbe comeo seis dos companheiros. Vlyxes ven  
 do que bia a cousa de mal em peor, o embebedou,  
 & estãdo dormindo lbe meteo pello olho hum pao  
 tostado, & cegandoo, lbe fugio, com os outros seis  
 companheiros que escaparão.

\* A pelle rica de que falla, he o brocado, que se faz  
 na região de Colchos, da qual Região atraz se a  
 dito. *nostronha e ouro. porque se faz por a lã de  
 jãta pelle de carne de pãta que era de ouro.*

Mando mostrarlhe peças mais sômenos, 29  
 Contas de Christalino transparente,  
 Algũs soantes cascaueis pequenos,  
 Hum barrete vermelho, cor contente:  
 Vi logo por sinais & por acenos  
 Que com isto se alegra grandemente,  
 Mãdo soltar com tudo, & ahsi caminha  
 Pera a pouoação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros 30  
 Todos nũs, & da cor da escura treua,  
 Decendo pellos asperos outeiros  
 As peças vem buscar, que estoutro leua:

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Domesticos ja tanto, & companheiros  
Se nos mostráo, que fazem q̄ se atreua,  
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato  
E partirse co elles pera o mato.

31 He Velloso no braço confiado,  
E de arrogante cree que vay seguro,  
Mas sendo hū grande espaço ja passado,  
Em que algum bom final saber procuro:  
Estando a vista alçada, co cuidado  
No aventureiro, eis pello monte duro  
Aparece, & segundo ao mar caminha,  
Mais apressado do que fora vinha.

32 O batel de Coelho foy depressa  
Pello tomar, mas antes que chegasse  
Hum Ethyope ousado se arremessa  
A elle, porque não se lhe escapasse:  
Outro & outro lhe saem: ve se em pressa  
Velloso, sem que algué lhe alli ajudasse,  
Acudo eu logo, & é quãto o remo aperto  
Se mostra hū bando negro descuberto.

33 Da espessa nuvem setas & pedradas  
Chouem sobre nos outros sem medida,  
E não

E não forão ao vento em vão deitadas  
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
 Mas nos como pessoas magoadas  
 A reposta lhe demos tão ercida,  
 Que em mais q̄ nos barretes se sospeita  
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento,  
 Logo nos recolhemos pera a armada,  
 Vendo a malicia feia, & rudo intento  
 Da gente bestial, bruta, & maluada:  
 De quem nenhum melhor conhecimêto  
 Podemos ter da India desejada,  
 Que estarmos inda muito longe della,  
 E así tornei a dar ao vento a vella.

34

Disse então a Velloso hum companheiro,  
 (Começandose todos a sorrir)  
 Oula Velloso amigo aquelle outeiro  
 He melhor de decer, que de subir:  
 Si he, responde o ousado aventureiro:  
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
 Daquelles cáes, depressa hũ puco vim,  
 Por me lêbar que estaueis ca sem mim.

35



36 Contou então, que tanto que passarão  
 Aquelle monte, os negros de quem fallo  
 Auante mais passar o não deixarão,  
 Querendo (se não torna) alli matallo,  
 E tornandose, logo se embofcarão  
 Porque saindo nos pere tomallo,  
 Nos podessem mandar ao Reyno escuro  
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

37 Porem ja cinco Soes erão passados  
 Que dali nos partiramos, cortando  
 Os mares nunca doutrem nauegados,  
 Prosperamente os ventos assoprando,  
 † Quando hũa noite estando descuidados,  
 Na cortadora proa vigiando.  
 Hũa nuuem que os ares escurece  
 Sobre nossas cabeças aparece.

*† Nota que artificialmente escreue o descubri-  
 mento do Cabo de Boa esperança, fingindo appare-  
 cerlhe na forma que aqui pinta.*

37 Tão temerosa vinha & carregada,  
 Que pos nos corações hum grãde medo  
 Bramindo o negro mar, de lôge brada,  
 Como se desse em vão nalgũ rochedo,

O po-

O potestade, disse, sublimada,  
 Que ameaço diuino, ou que segredo,  
 Este clima, & este mar nos apresenta,  
 Que môr cousa parece que tormenta?

Não acabaua, quando hũa figura 38  
 Se nos mostra no ar, robusta & valida,  
 De disforme & grandíssima estatura,  
 O rosto carregado, a barba esqualida:  
 Os olhos encouados, & a postura  
 Medonha & mã, e a cor terrena, & palida  
 Cheos de terra, & crespos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bê posso 39  
 Certificarte, que este era o segundo  
 De Rhodes estranhíssimo † Colosso,  
 Que hũ dos sete milagres foy do mũdo:  
 Cum tõe de voz nos falla horrêdo & gros  
 Que pareceo sair do mar profundo (fo  
 Arrepiãose as carnes & o cabelo  
 Ami, & a todos, de fo ouuillo & vello,

† Colosso foy bũa estatua de homem tão grande como bũa torre, chamado Colosso de ἀπο τοῦ κολλασίου, que quer dizer atormentar, ou exceder o mo-

## Os Lusíadas de Luis de Camões.

do em alguma causa, porque pella grandeza era des-  
amauel, por causa do grande gásto. Cares discipulo  
de Lyssippo, fez hũa estatua do Sol, ou como ou-  
tros dizem de Iupiter em Rhodes, de cento, & cin-  
co pês de alto, toda de metal. Foy contada antre  
os sete milagres do mundo: a qual estatua despois  
dahi a cincoenta & seis annos, de hum grande ter-  
remoto, quebrandolhe os geolhos cayo, nem oufarão  
mais os de Rhodes tornalla a reedificar, amoes-  
tos do Oraculo. Confessão todos que foi este o mais  
sumptuoso de todos os sete milagres do mundo. O  
Soldão de Egipto, entrando Rhodes, do metal desta  
statua, que achou quebrada, carregou nouecentos  
camellos, & os mandou pera Alexandria por ter-  
ra. Soos os dedos della erão maiores que qualquer  
homem. Estiuerão doze annos em fazella, custou  
trezentos talentos, valia cada talento quinzentos  
cruzados. Deste Colosso se chamarão os de Rhod-  
des Collossenses: dos Collossos de Domiciano, Pom-  
peio, & de Apollo, vede Perotto, no seu tratado  
de Corn.

- 4<sup>o</sup> E disse: O gente oufada, mais que quantas  
No mundo cometerão grandes cousas,  
Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
E por trabalhos váos nunca repoufaste

Pois

Pois os †vedados terminos quebrantas,  
 E nauegar meus longos mares oufas,  
 q̄ eu táto tépo ha ja q̄ guardo & tenho, †  
 Núca\* arados d'ſtranho ou †pprio lenho.

† Vedados, porque parece que fez Deos ſoo a terra  
 pera os homẽs, & o mar pera os peixes: mas a cobiça  
 humana, deſejosa de mandar, ſaindo dos limi-  
 tes da natureza, deſcubrio os mares.

\* Ao nauegar chama arar metaphoricamente, por  
 que aſſi como quem vay arando, leua o ferro do ara-  
 do debaixo da terra, & a ergue, lançandoa d'ũa  
 & d'outra parte: aſſi quem nauega com a proa da  
 nao vay apartando a agoa, pera hum & outro  
 bordo.

† Porque os negros do Cabo de Boa Esperança não  
 nauegão.

Pois vens ver os ſegredos eſcondidos, 42  
 Da natureza, & do humido elemento,  
 A nenhum grande humano concedidos,  
 De nobre, ou de immortal merecimêto:  
 Ouue os danos de mi, que apercebidos  
 Eſtão, a teu ſobejo atreuimento,  
 Por todo o largo mar, & polla terra,  
 Que inda has de ſojuagar cõ dura guerra.

Sabe

- 43 Sabe que quantas naos esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atreuidas,  
† Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos & tormentas desmedidas,  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insufridas,  
Eu farei dimprouiso tal castigo,  
Que seja mor o dano que o perigo.

† Porque todo o trabalho he dobrar este cabo, o qual como se dobra, vão seguros de arribar, assi aa ida, como á vinda, & por isso se chama de Boa Esperança.

44

- Aqui espero tomar, se não me engano,  
† De quem me descubrio suma vingança,  
E não se acabarâ so nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereis cada anno  
Se he verdade o que meu juyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

† Não porque a tomasse do proprio Vasco da Gama, mas porque despois a tomou dos Portugueses descendentes de Vasco da Gama.

E †do primeiro illustre que a ventura  
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
 Serei eterna & noua sepultura,  
 Por juyzos incognitos de Deos:  
 \* Aqui porâ da Turca armada dura  
 Os soberbos & prosperos tropheos,  
 Comigo de seus danos o ameaça  
 A destruida Quiloa com Mombaça.

† Dom Francisco, pae de dom Lourenço, que destruy a armada do Camori, o Melliquelaz, & Hirhocem. O qual saindo a fazer agoada, o matarão os Cafres.

\* Diz isto, porque vinha da India triumphante, por teer desbaratada a armada dos Turcos, & Rumes que la forão ter: mas por derradeyro aqui acabou.

† Outro tambem virâ de honrada fama 46  
 Liberal, caualleiro, enamorado,  
 E consigo trará a fermosa dama,  
 Que amor por grâ merce lhe terá dado:  
 Triste ventura, & negro fado os chama,  
 Neste terreno meu, qne duro & yrado,  
 Os deixará dhum crû naufragio viuos,  
 Pêra verem trabalhos excessiuos.

Entende

Os Luliasdas de Luis de Camões.

† Entende Manoel de Sousa, que vinha na não S. João com a molher, & se perdeu nesta paragem, vindo da India pera Portugal, cujo infortunio todos sabem.

47 Verão morrer com fome os filhos charos,  
Em tanto amor gerados & nacidos,  
Verão os † Cafres asperos & avaros,  
Tirar à linda dama seus vestidos:

Os cristalinõs membros & preclaros,  
Aa calma, ao frio, ao ar verão despídos,  
\* Depois de ter pisada longamente  
Cos delicados pês a area ardente.

† Cafres são os negros, nome geral & proprio, donde a sua região se chama Cafraria.

\* Porque forão muito tempo caminbando pör terra, ate que à fome perecerão os filbos & a molher: & Manoel de Sousa vendoa morta, se meteo pella mata dentro, sem nũca mais apparecer, dizem que ou à fome pereceo, ou o matou algũa bicha.

48 E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desuentura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na feruida, & implacabil espeffura:

Alli despois que as pedras abrandarem  
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
 Abraçados as almas soltarão  
 Da fermosa & miserrima prisam.

Mais hia por diante o monstro horrendo, 49  
 Dizendo nossos fados, quando alçado  
 Lhe disse eu: Quem es tu? q̄ esse stupêdo  
 Corpo, certo me tem marauilhado,  
 A boca, & os olhos negros retorcendo,  
 E dando hum espantoso & grãde brado,  
 Me respondeo, com voz pesada & amara,  
 Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo, 50  
 A qué chamais vosoutros †Tormétorio,  
 q̄ nũca a \*Ptolomeu, †Põponio, \*Strabo,  
 †Flinio, & quãtos passarão, fui notorio:  
 \*Aqui toda a Africana costa acabo,  
 Neste meu nunca visto Promontorio,  
 Que pera o polo Antartico se estende  
 A quem vossa ousadia tanto offende.

† Tormentorio he lugar aonde ha continuas tormentas. Chama ao Cabo de boa esperança Tormentorio, porque nelle ha de continuo tempestades.



\* Muitos Ptholomens ouue Reis: este de que falla o Camões, he Ptholomeu natural de Egypto, grande Astrologo: o qual floreceo no tempo de Trajano, & de Hadriano.

† Pomponio, foy nome de hum Philosopho Histoico, o qual escreueo do sitio do mundo.

\* Strabo Philosopho, & Cosmographo vnico, que escreueo tambem do sitio do mundo, muy doctamente.

† Plinio, foy hum Philisopbo que escreueo das cousas naturaes, das eruas, das alimarias, da descripçam da terra, & dos Ceos. Inquirio & trabalhou muito por deixar, como deixou da natureza de todas as alimarias, costumes de povos, & ares das terras de que teue noticia, & de tudo deixou hum liuro mui docto, mas com quanto andou, nem elle, nem os outros Mathematicos, poderão alcançar o que os Portugueses nesta naugação que descobrirão.

\* Porque como fica dito quando tratamos de Etbyopia, & Affrica: acabase Affrica da banda do Sul, co cabo de Boa Esperança.

50 Fui dos filhos asperrimos da terra.

Qual Encelado †Egeo, & o \*Centimano  
Chameim e

Chameime Adamastor, & fui na <sup>†</sup> guerra  
 Cōtra \* o q̄ <sup>†</sup> vibra os rayos de Vulcano,  
 \* Não que posse ferra sobre ferra,  
 Mas conquistando as ondas do Oceano,  
 Fui capitão do mar, por onde andaua  
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

<sup>†</sup> Egeo, nome de hum Gygante, filho do Ceo & da terra, o qual se chamou Briareu. Lançouse de hũa torre abaixo, sobre hũas rochas que estauão junto do mar, & foy conuertido em monstro marinbo, do qual Ouid. Met.

*Ceruleos habet vnda Deos, Tritoná canorum,  
 Protheaq̄; Ambiguũ Ballenarũq̄; prementẽ,  
 Ægeona suis immania terga lacertis.*

\* O Gygante Briareu, irmão de Egeo, filho tambẽ dos Ceos & da terra, tinha cem mãos, porque centã mano, que dizer cousa que tem cem mãos.

<sup>†</sup> Desta guerra dos Gigante fica dito.

\* Entende Iupiter, o qual como ja disse, lança ad mundo os rayos que lhe Vulcano faz.

<sup>†</sup> Vibrar, he lançar algũa cousa com força, leuandoa detras da orelha, & deitandoa despois.

\* Diz isto, porque na guerra que os Gygantes tiuerão, puserão serras sobre serras, pera irẽ fazer guerra. A causa que moueo aos Poetas contar esta fa-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

bula, he que como as serras são muito altas, parece que querem fazer guerra contra os moradores dos Ceos. Dizem que forão estes gigantes mudados em serras: & porque as serras saem da terra, com as influencias do ceo, disserão que forão os Gigantes filhos do Ceo & da terra. Este Adamaſtor, como está mudado em monte cercado de mar, que he o Cabo de boa esperança, diz que foy por mar fazer guerra a Neptuno, aonde se mudou em monte, & os irmãos por terra pelejarão contra Iupiter, mas em fim forão vencidos.

- 52 Amores da alta esposa de <sup>†</sup> Peleo,  
Me fizerão tomar tamanha empresa,  
Nem Venus a mais bella me venceo,  
So por amar das águas a princeſa,  
Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
Sayr na fresca praya, & logo presa,  
A vontade senti de tal maneira,  
Que inda não sinto cousa q̄ mais queira.

<sup>†</sup> Entende Thetis Rainha do mar, da qual Peleo ouue Achylles, donde se chama Achylles Pelydes.

- 53 Como fosse impossivel aleançalla,  
Polla grandeza fea de meu gesto.

Deter-

Determinei por armas de tomalla,  
 E a Doris este caso manifesto:  
 Ella de medo então por mi lhe falla,  
 Mas Tethis cum fermoso riso honesto,  
 Responde Qual sera o amor bastante,  
 De Nimpha, q̄ sustente o d'hum gigâte?

54

Com tudo por liurarmos o Oceano  
 De tanta guerra, eu buscarei maneira  
 Com que cõ minha honra escuse o dano.  
 Tal reposta torna a mensageira:  
 Eu que cair não pude neste engano,  
 (Que he grãde dos amantes a cegueira)  
 Encherãome com grandes abódanças  
 O peito de desejos & esperanças.

O que não sei de nojo como o conte, 55  
 Que crendo ter diante quem amaua,  
 Abraçado me achei cum duro monte,  
 De aspero mato, & de espessura braua:  
 Estando cum penedo fronte a fronte  
 Que eu pollo rosto angelico apertaua,  
 Não fiquei homé não, mas mudo & q̄do,  
 E junto d'hum penedo, outro penedo.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

56 O Nimpha mais fermosa do Oceano,  
Ia que minha presença te não agrada,  
Que te custaua terme neste engano,  
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:  
Daqui me parto irado, & quasi infano,  
Da magoa & da desonra alli passada,  
A buscar outro mundo, onde não viffe  
Quê de meu prato, & de meu mal se riffe:

57 Erão ja neste tempo meus irmãos  
Vencidos, & em miséria extrema postos,  
E por segurar-se os Deoses vãos

*Atblate.*

Algús a varios montes sottopostos :

E como contra Ceo não valem mãos,

Eu que chorádo andaua meus desgostos,

Comecey a sentir do fado imigo

Por meus atreuimentos o castigo.

58 Conuertefeme a carne em terra dura,

Em penedos os ossos se fizeráo,

Estes membros que vees, & esta figura

Por estas longas agoas se estenderáo :

Em fim minha grandíssima estatura

Neste remoto cabo conuerteráo

Os fados, & por mais dobradas magoas

Me anda Thetis cercando destas agoas.

Afsi

A fsi contaua, & cum medonho choro, 59  
 Subito dante os olhos se apartou,  
 Desfezse a nuuem negra, & cum sonoro  
 Bramido, muito longe o mar soou:  
 Eu, leuando as mãos ao sancto Coro  
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
 A Deos pedi que remouesse os duros  
 Casos, q̄ Adamastor contou futuros.

Ia † Phlegon & Pyrois vinhão tirando 60  
 Cos outros dous, o carro radiante  
 Quádo a terra alta se nos foy mostrádo  
 Em que foy conuertido o grá Gygante:  
 Ao longo desta costa, começando  
 Ia de cortar as ondas do Levante,  
 Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
 Onde segunda vez terra tomamos.

† *Escreue os nomes dos quatro cauallos do Sol, que  
 sam Phlegon, Pyrois, Eous, & Ethon: sam voca-  
 bulos Gregos, pellos quaes se interpretão as quatro  
 partes do dia, Madrugada, manhã, meio dia, &  
 o Sol posto.*

A gente que esta terra possuia 61  
 Posto que todos Ethyopes erão,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros, q̄ tão mal nos receberão.  
Com bailos & com festas de alegria  
Pella pria arenosa a nos vierão,  
As mulheres consigo, & o manso gado  
Que apacentauão, gordo, & bê criado,

- 62 As mulheres queimadas vem encima  
Dos vagarosos bois, alli sentadas  
Animais que elles tem em mais estima  
Que todo o outro gado das manadas,  
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
Na sua lingua cantão concertadas,  
Co doce som das rusticas auenas  
Imitando de †Titiro as \*Camenas.

† Titiro, he hum pastor que introduz Virgilio nas suas Eglogas.

\* Camenas, he palavra Grega, quer dizer em Latim Canētes amene. & em Portugues Musica amena, ou deleitosa. Tomase pellas Musas, ou musica.

- 63 Estes como na vista prazenteiros  
Fossem, humanamente nos tratarão,  
Trazendonos galinhas & carneiros  
A troco doutras peças que leuauão,

Mas como nũa é fim meus cõpanheiros  
 Palaura sua algũa lhe alcançarão  
 Que dessem algũ sinal do que buscamos  
 As vellas dando, as ancoras leuamos.

Ia aqui tinhamos dado hum grã †rodeio  
 A costa negra de Africa, & tornaua  
 A proa a demandar o ardente \*meio  
 Do ceo, & o polo Antartico ficaua:  
 Aquelle ilheo deixamos, onde veio  
 Outra armada †primeira, que buscava  
 O tormentorio Cabo, & descuberto,  
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

64

† Porque quem vai pera a India, vai em busca do  
 cabo de Boa esperança, co a proa, ao Sul, despois q̃  
 o dobra, torna a viralla ao Norte, demãdando se  
 gunda vez a Zona torrida, & deixanda o Sul, ata  
 lbando sempre ao Leste.

\* Linha Torrida he a que está no meio do mundo,  
 chamada Equinoctial. Este he o ardente meio.

† Diz a armada que foy a descobrir a India, &  
 não tornou. *Em vez de mundo, foy a descobrir a*

*partegal antes de yama he q̃ se he de boa espita*  
*em q̃ se he de yama he q̃ se he de boa espita*  
 Daqui fomos cortando muitos dias

65

Entre tormentas tristes & bonanças,



Os Lulias De Luis de Camões.

No largo mar fazendo nouas vias,  
So conduzidos de arduas esperanças:  
? Co mar hum tēpo andamos em porfias,  
Que como tudo nelle são mudanças,  
Corrente nelle achamos tão possante  
Que passar não deixaua por diante.

? *Aqui escreue o Cabo das correntes, que está do Cabo de boa Esperança pera Moçambique, aonde tão rijamente correm as agoas, que se chama o Cabo das Correntes.*

66 Era maior a força em demasia  
Segundo pera tras nos obrigaua.  
Do mar, que contra nos alli corria,  
Que por nos a do vento que assopraua:  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co mar (parece) tanto estaua,  
Os assopros esforça iradamente  
Com que nos fez vencer a grá corrente.

67 Trazia o Solo dia celebrado  
Em que tres Reis da parte do Oriente,  
Forão buscar hum Rey de pouco nado,  
Rey maior, mais alto, & mais potente.

Neste

Neste dia outro porto foy tomado  
 Por nos, da mesma ja contada gente,  
 Num largo rio, ao qual o nome demos  
 Do dia em que por elle nos metemos.

*O dia de Natal, em que Christo nosso senhor nasceu, tomarão este porto, donde se chamou a Terra do Natal, que he na costa que se faz do Cabo de boa esperanza pera dentro, na mesma costa.*

Destá gente refresco algum tomamos, 68  
 E do rio fresca agoa, mas com tudo  
 Nenhum final da India aqui achamos  
 No pouo com nos outros casi mudo.  
 Ora vê Rei quamanha terra andamos  
 Sem sair nunca deste pouo rudo,  
 Sem vermos nunca noua nem final,  
 Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados 69  
 Andariamos todos, quam perdidos,  
 De fomes, de tormentas quebrantados,  
 Por climas & por mares não sabidos:  
 E do esperar comprido tão cansados,  
 Quanto a desesperar ja compelidos,  
 Por ceos não naturaes, de qualidade  
 Inimiga de nossa humanidade.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

70 Corrupto & danado Ia o mantimento  
Danoso & mau ao fraco corpo humano,  
E alem disso nenhum contentamento  
Que sequer da esperauça fosse engano,  
Cres tu que se este nosso ajuntamento  
De soldados, não fora Lusitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a seu Rey, & a seu regente?

71 Cres tu, que ja não foráo leuandados  
Contra seu capitão se os resistira,  
Fazendose Piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente por certo estão prouados  
Pois que nenhũ trabalho grande os tira  
Daquella Portuguesa alta excellencia  
De lealdade firme, & obediencia.

72 Deixando o porto em fim do doce rio,  
E tornando a cortar a agoa salgada,  
Fizemos desta costa algum desuio,  
Deitando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manso & frio,  
Não nos apanhasse a agoa da enseada,  
Que a costa faz ali daquella banda  
Donde a rica <sup>†</sup>Sofala o ouro manda.

† *Sofalla, terra que está ao longo da Costa de Moçambique, donde vem o ouro: & nella se pesca o aljofar.*

Esta passada, logo o leue leme 73

Encomendando ao sacro † Nicolao,  
 Pera onde o mar na costa brada & gême  
 Aproa inclina d'húa & d'outra nao:  
 Quando indo o coração q̄ espera & teme,  
 E que tanto fiou d'hum fraco pao,  
 Do que esperaua ja desesperado,  
 Foy d'húa novidade aluoraçado.

† *Porque costumão os mareantes tomar S. Nicolao por auogado.*

E foy, que estando ja da costa perto 74

Onde as praias & valles bem se vião,  
 Num rio, que alli sae ao mar aberto  
 Bateis à vella entrauão & faião:  
 Alegria mui grande foy por certo  
 Acharmos ja peffoas que sabião  
 Nauegar: porque entre ellas esperamos  
 Achar nouas algúas, † como achamos.

† *Aqui acbarão os Portugueses algũs sinaes da India, & por isso lbe chamarão o Rio dos bõs sinaes.*  
 Etiopes

75 Ethiopes sam todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicauão,  
Palaura nenhúa Arabia se conhece  
Entre a lingoagem sua que falauão:  
E com pano delgado, que se tece  
De algodão, as cabeças apertauão,  
Com outro que de tinta azul se tinge  
Cadahum as vergonhosas partes cinge.

76 Pella Arabica lingua que mal falão  
E q̄ Fernão martinz mui bem entende,  
*De Me-* Dizem, q̄ por naos q̄ em grádeza igoalão  
*4.* As noffas, o seu mar se corta & fende,  
Mas que la donde nace o Sol se abalão,  
Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estó  
E do Sul pera o sol, terra onde auia (de  
Gente afsi como nos, da cor do dia.

77 Mui grandemente aqui nos alegramos  
Co a gente, & com as nouas muito mais,  
Pellos sinaes que neste rio achamos  
O nome lhe ficou dos boõ sinais:  
Hum padrão nesta terra aleuantamos  
Que pera afsinalar lugares tais  
Trazia algús, o nome tem do bello  
*o Anjo.* Guiador de Thobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas, & dostrinhos,  
 Nojo sa criação das agoas fundas,  
 Alimpamos as naos, que dos caminhos  
 Longos do mar, vê fardidas & immúdas:  
 Dos hóspedes que tinhamos vezinhos  
 Com mostras apraziueis & jocundas,  
 Ouue mos sempre o vsado mantimento,  
 Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperáça grãde & imméssa 79  
 Que nesta terra ouue mos, limpa & pura  
 A alegria: mas logo a recompensa  
 A <sup>†</sup>Ramnusia com noua desuentura:  
 Assim no ceo sereno se dispensa,  
 Coesta condição pesada & dura,  
 Nacemos: o pesar terá firmeza,  
 Mas o bem logo muda a natureza.

*† Ramnusia, he hũa das tres Furias infernais cao  
 stigadoras. Hũa dellas he Alleto, a segunda,  
 Megera, a terceyra Ramnusia: a qual tinha  
 cuydado de tomar a vingança, & castigar as  
 duas de condenar & ver o que merecião.*

E foy que de doença crua & feia 80  
 A mais que eu nunca vi, desemparrarão,  
 Muitos

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Muitos a vida, & é terra estranha & alhe  
Os ossos pera sempre sepultarão:      (ia,  
Quem auerá que sem o ver o creia?  
Que tão disformeméte alli lhe incharão  
As gingiuas na boca, que crecia  
A carne, & juntamente apodrecia.

*Esta doença he mui geeral quando vão pera a India, mais que quando vem, porque á ida ha menos copia de agoa, & cozem os comeres todos com agoa salgada do mar, do qual apodrecem as gingiuas, & morre muita gente.*

81 Apodrecia, cum fetido & bruto  
Cheiro, que o ar vezinho inficionaua,  
Não tinhamos alli medico astuto,  
Cyrurgião sutil menos se achaua,  
Mas q̃lquer, neste officio pouco instructo  
Pella carne ja podre assi cortaua,  
Como se fora morta, & bem continha,  
Pois que morto ficaua quem a tinha.

82 Em fim que nesta incognita espeffura  
Deixamos pera sempre os cõpanheiros.  
Que em tal caminho, & é táta desuétura  
Forão sempre conno seo aventureiros:

Quam

Quam facil he ao corpo a sepultura  
 Quaesqr ondas do mar, quaesq̃ couteiros  
 Estranhos, a si mesmo como aos nossos,  
 Receberão de todo o illustre os ossos.

Aksi que deste porto nos partimos  
 Com maior esperança, & môr tristeza, 83  
 E pella costa abaixo o mar abrimos,  
 Buscando algum final de mais firmeza,  
 Na dura Moçambique em fim surgimos,  
 De cuja falsidade, & mâ vileza  
 Ia seras sabedor, & dos enganos  
 Dos pouos de Môbaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto 84  
 Cuja brandura, & doce tratamento,  
 Darâ saude a hũ viuo, & vida a hũ morto  
 Nos trouxe a piedade do alto asseñto:  
 Aqui repouso, aqui doce conforto,  
 Noua quietação do pensamento  
 Nos deste, & vês aqui se atento ouuiste,  
 Te contei tudo quanto me pediste.

Iulgas agora Rey, se ouue no mundo 85  
 Gentes que tais caminhos cometessem?



Os Lusíadas de Luis de Camões,  
Crês tu que tanto Eneas, & o facundo  
Vlyffes, pello mundo se estendessem?  
Ousou algum a ver do mar profundo  
Por mais versos que delle se escreueffem  
Do que eu vi, a poder desforço & d'arte  
E do que inda ey de ver a oytaua parte?

86 † Esse que bebeo tanto da agoa \*Aonia  
Sobre quem tem contenda peregrina  
Entre si, Rhodes, Smirna, & Colofonia,  
Athenas, Yos, Argos, & Salamina:  
† Effoutro que esclarece toda \*Ansonia,  
A cuja voz altiffona, & diuina  
Ouuindo o patrio †Mincio se adormece,  
Mas o \*Tibre con som se ensoberuece.

Entende Homero, Poeta Grego excellentissimo,  
o qual floreceo antes da fundação de Roma pouco  
menos de cento & cincoenta annos, como escreue  
Corn. Nepos, nos liuros das Chronicas Foy cego, &  
por isso se chamou Homero, porque dantes se cha-  
maua Melesigenes. Os Cumeos, & os Iones, cha-  
mão aos cegos Homeros. Este Homero escreueo a  
guerra Troiana, & a naugação de Vlyxes. Rhos-  
des, Smirna, Colofonia, Athenas, Yos, Argos, Sala-  
mina, são cidades de Grecia, cujos moradores tiue-

rão entre si mui agrauada contenda, deſpois da morte de Homero, pretendendo cada cidade auello por ſeu natural, como eſcreue Cic. na Oração pro Archia Poeta.

\* Aonia, Região de Thracia, chamada aſſi de Aonia Rei, filho de Neptuno. Aqui eſtaua o monte Parnaſo, que diuidia eſtas terras das Aetneas, no qual monte Parnaſo eſtaua hũa fonte que de Aonia ſe chamou fonte Aonia.

† Virgilio, Poeta dos mais excellentes que entre os Latinos ouue, natural de Mantua.

\* Auſonia, antiguamente ſe chamou hũa parte de Italia, mas agora tomou ſe por toda Italia, que ſe fecha cos Apeninos.

† Mincio, he hum rio dos Venezeanos, ſae da alagoa Venaco. Faz outra alagoa apar de Mantua por onde paſſa, & dahi ſe mete no Rio poe.

\* Tibre, Rio de Italia, recolhe em ſi quarenta & dous, chamado Tyberis, do Rey dos Tuſcos q̄ morreo apar delle, andãdo nelle feyto pyrata. Chamou ſe antiguamente Albula.

Canté, louué, & eſcreuão ſempre eſtremos 87

-Deſſes ſeus Semideos, & encareção

Fingindo † Magas, Circés, \* Polifemos,

† Syrenas, que co canto os adormeção:

O: Lusíadas de Luis de Camões.  
Demlhe mais nauegar à vella & remos  
Os \*Cicones, & a terra onde se esquecem  
Os companheiros em gostando o Loto,  
Demlhe perder nas ogoas o †Piloto.

† *Magas, quer dizer feiticetras. Cyrces foy hũa fei-  
ziceira que mudou os companheiros de Vlyxes em  
porcos, & Vlyxes os fez tornar em homens.*

\* *Polyfemo, atlas, fol. 130.*

† *Syrenas são as que estauão no mar de Sicilia, &  
cantauão tão suauemente, que os que passauão se  
descuidauão de si, & entrando as Syrenas nas naos  
os matauão, & os comião. Vlyxes vendo que lbe  
era necessario passar por esta paragem, mādou que  
seus companheiros tapassen as orelhas com cera,  
& a elle o atassem mui rijamente ao pee do masto,  
pera as ouuir: o que fazendo passou cos seus a sal-  
uo: & as serenas vendo que não lbe acontecia o co-  
stumado, se lançarão de hũa rocha abaixo, & se  
fizerão em pedaços.*

\* *Cicones, vede de tudo a Vlixca de Homero. Loto  
he nome de hũa Nimpba que foy mudada em ar-  
uore. Desta aruore segundo Plinio ha em Affrica,  
da fructos mui doces, & são tão gostosos, que faz-  
zem por em esquecimento a patria.*

† *Pode entenderse Palinuro, Pyloto môr da arma*  
da de

da de Eneas, que lhe tabio hũa noyte o pilloto no  
mar, & o perdeo. Ou tambem o Pilloto de Vlyxes  
que lhe aconteceo o mesmo caso.

† Ventos soltos lhe finjão, & imaginem 88

Dos odres, & \* Calipfos namoradas,

Harpías, que o manjar lhe contaminem,

Decer às sombras nuas ja passadas:

Que por muito & por muito q̄ se afinê,

Nestas fabulas vaás tão bem sonhadas,

A verdade que eu conto nua & pura

Vence toda grandiloca escriptura.

† Os ventos que trazia Vlyxes fechados em odres.

\* Hũa nimpha, que deteuve muito tẽpo a Vlyxes.

† Quando foi Vlyxes aos infernos, a falar a seu pae.

Da boca do facundo capitão,

Pendendo estauão todos embebidos, 89

Quando deu fim à longa narraçao

Dos altos feitos grandes & subidos:

Louua o Rei o sublime coração

Dos Reis em tantas guerras conhecidos,

Da gente louua a antigua fortaleza,

A lealdade d'animo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira

O caso cadaqual que mais notou. 90

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Nenhum delles da gente os olhos tira,  
Que tão longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo †Delio as redeas vira,  
Que o \*irmão de Lampecia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Tethios braços,  
E elRei se vay do mar aos nobres paços.

† Entende Apollo, ou Sol.

\* Entende Phaetonte filho do Sol, irmão de Lam-  
pecia, & doutras duas moças que se mudarão em  
arvores.

91 **Q**uam doce he o louuor, & a justa gloria  
Dos proprios feitos quando são soados,  
**Q**ualquer nobre trabalha q̄ em memoria  
Vença, ou igoale os grandes ja passados:  
As enuejas da illustre & alheia historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados,  
**Q**uem valerosas obras exercita  
Louuor alheio muito o esperta è incita.

92 **N**ão tinha em tanto os feitos gloriosos  
De †Achyllis, \*Alexandro na peleja,  
**Q**uanto de quem o canta: os numerosos  
Versos, isso so louua, isso deseja:

Os tropheos de Melciades famosos  
 Temistocles despertão so de enueja,  
 E diz, que nada tanto o deleitaua  
 Como a vez que seus feitos celebraua.

\* Achyles, capitão Grego, tão esforçado, que se elle  
 so sayá, punha em fugida os Troianos todos: assi co-  
 mo quando Heçtor capitão Troiano sayá a campo  
 fazia logo fugir os Gregos.

\* Alexandre acbegando a sepultura de Achylles,  
 sabendo quem nella estaua, disse, q̄ não tinha tan-  
 ta enueja ao esforço de Achylles, como a dita que te-  
 ue em alcançar Homero por scriptor de seus feitos.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama 93  
 Que essas nauegações q̄ o mundo canta,  
 Não merecem tamanha gloria & fama  
 Como a sua, q̄ o ceo & a terra espanta:  
 Si, mas aquelle Heroe que estima & ama  
 Com dões, merces, faoures, & hõra tanta,  
 A lyra Mantuana faz que soe  
 Eneas, & a Romana faz que voe.

Dà a terra Lusitana Scipiões  
 Cesares, Alexandros, & da Augustos.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Mas não lhe dá com tudo aquelles dões  
Cuja falta os faz duros & robustos:  
Octauio, entre as mayores oppressões  
Compunha versos doutos & venustos,  
Não dirá Fulvia certo que he mentira  
\* Quão a deixaua Antonio por Glasira,

\* Marco Antonio era amigo em extremo de compor versos & ouuillos: auia bũa molher em Roma chamada Glasira, grande musica & poeta, & muitas vezes Marco Antonio por ouuilla, deixaua a conuersação de Fulvia sua molher, por yr a ouuir a Glasira.

95 \* Vay Cesar sojugando toda França  
E as armas não lhe empedem a sciencia,  
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança,  
Igoalaua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe & alcança  
He nas comedias grande experiencia.  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe à cabaceira,

\* Iulio Cesar, o que se intitulou Dictador perpetuo, andando nas guerras, assi de França como ciuis, quanto passaua de dia, escreuia de noite breuemete  
perç

pera depois de deixar materia a escriptores, se quisessem dilatar-se nas historias: mas fez tão doctamente, que dixe por elle Marco Aurelio, q̄ Cesar querendo deixar materia a scriptores, lha tirou, porq̄ da sua frasi â de Cicero, não ha differença no latim.

Em fim não ouue forte capitão 96  
 Que não fosse tambem douto & sciente,  
 Da <sup>t</sup>Lacia, Grega, ou Barbara nação  
 Se não da Portuguesa tão semente:  
 Sem vergonha o não digo, que a rezão  
 Dalgum não ser por versos excellente.  
 He não se ver prezado o verso & rima,  
 Porq̄ quem não sabe a arte não a estima.

<sup>t</sup>Lacia, he Italia, chama-se Lacio, d'um vocabulo Latino, Latendo, que quer dizer esconder, porque aqui crião a Iupiter escondido de seu pae Saturno, porque o não comeffe.

Por isso & uão por falta de natura,  
 Não ha tãbem Virgilio nem Homeros,  
 Nem auerã se este costume dura  
 Pios <sup>t</sup>Eneas, nem Achilles feros:



Mas o pior de tudo he que a ventura  
 Tão asperos os fez, & tão austeros,  
 Tão rudos, & de ingenho tão remisso  
 q̃ a muitos lhe da pouco, ou nada disso.  
 † Chamouse pio Encas, que quer dizer piadoso, por  
 que quando ardeo a cidade de Troia, tirou ao pae  
 do fogo della às costas,

98 Aas Musas agradeça o nosso Gama  
 O muito amor da patria, que as obriga  
 A dar aos seus na lyra nome & fama,  
 De toda a illustre & bellica fadiga:  
 Que elle, né quem na stirpe seu se chama  
 Caliope não tem por tão amiga,  
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
 As tellas douro fino, & q̃ o cantassem.

99 Porque o amor faterno, & puro gosto  
 De dar a todo o Lusitano feito  
 Seu louvor, he somente o profuposto  
 Das Tagides gentis, & seu respeito:  
 Poré não deixe em fim de ter desposto  
 Nimgé a grandes obras sempre o peito,  
 Que por esta ou por outra qualquer via  
 Não perdera seu preço, & sua valia.

F I M.

Despedese



DESPEDESE GAMA DE

El Rey de Melinde, & profegue sua derrota.

Referefe a hystoria dos doze de Inglaterra. Sobrenuolbes

quei mon forte tormenta,

de yland (. . .)

de yland



CANTO SEISTO.



AM SABIA E MI

que modo festejasse

O Rei pagão os fortes nauegantes.

Pera que as amizades alcáçasse,

Do Rei Christão das gêtes tão possantes:

Pesalhe que tão longe o aposentasse

Das Europeas terras abundantes,

A ventura, que não o fez vezinho

Dôde Hercules ao mar abriu caminho.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

*1º Dizem que Hercules aonde pos a sua derradeira  
coluna, partio hum monte do outro, & abriu ca  
minho ao mar Mediterraneo.*

2 Com jogos, danças, & outras alegrias  
A segundo apolicia Melindana  
Com vsadas & ledas pescarias  
Cõ q̃ a Lageia Antonio alegre & engana  
Este famoso Rey todos os dias  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares defusados  
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

3 Mas vendo o Capitão que se detinha  
Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
O conuida que parta & tome a sinha,  
Os pilotos da terra & mantimento,  
Nã se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito pera cortar do salfo argento,  
Ia do Pagão benigno se despede  
Que a todos amizade longa pede.

4 Pedelhe mais, que aquelle porto seja  
Sempre com suas Frotas visitado  
Que nenhum outro bem mayor deseja  
Que dar a tais barões seu reino & estado  
E que

E que em quato seu corpo o spirito reja  
 Estará de contino aparelhado,  
 A pôr a vida & reino totalmente  
 Por tão bõ Rey, por tam sublime gente.

Outras palauras taes lhe respondia 5  
 O capitão, & logo às vellas dando,  
 Pera as terras da Aurora se partia,  
 Que tanto tépo ha ja que vai buscando:  
 No piloto que leua não auia  
 Falsidade, mas antes vay mostrando  
 A nauegação certa, & assi caminha  
 Ia mais leguro do que dantes vinha.

As ondas nauegaúão do Oriente 6  
 Ia nos marés da India, & enxergaúão  
 Os thalamos do sol, que nace ardente,  
 Ia quasi seus desejos se acabauão:  
 Mas o maõ de <sup>t</sup>Tyoneo, q̄ na alma sente  
 A s venturas, que entáo se aparelhauão  
 A gente Lusitana dellas dina,  
 Arde, morre, blasphema, & desatina.

<sup>t</sup> Chamase Baccho Tyoneo, de hum nome Grego.  
<sup>o</sup>ivo, que quer dizer sacrificar, porque sendo ainda  
 Baccho viuo, se sacrificauão.

7 Via estar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Náo ~~no~~ pode estoruar que destinado  
Està doutro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca, & toma  
Entra no humêdo reino & vaíse à corte  
† Daquelle, a quem o mar cayo em sorte.

† Isto diz, porque fingem os Poetas, que despois  
que Iupiter lançou seu pae Saturno fora da posse &  
gouerno dos ceos, como fossem tres irmãos, Iupiter,  
Neptuno, & Plutão, diuidirão o gouerno do mun-  
do em tres partes. s. que hum tiuesse o regimento  
dos ceos, & ar: o outro dos infernos, & da terra, o  
outro do mar, lançando sortes, cabio a Iupiter o go-  
uerno dos ceos, & ar: a Neptuno do mar & rios,  
& a Plutão dos infernos & da terra.

8 No mais interno fundo das profundas  
Cauernas altas, onde o mar se esconde,  
La donde as ondas saem furibūdas,  
Quão ás iras do vento o mar respōde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & os Incolas do mar, onde  
As agoas campo deixão ás cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto 9  
 As areas alli de prata fina,  
 Torres altas se vem no campo aberto  
 Da transparente massa cristalina,  
 Quanto se chegão mais os olhos perto,  
 Tanto menos a vista determina  
 Se he cristal o que vê, se diamante.  
 Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas 10  
 Do rico aljofre que nas conchas nace,  
 De esculptura fermosa estão lauradas,  
 Na qual do irado Bacco a vista paze :  
 E vê primeiro em cores variadas  
 Do velho Caos a tam confusa face,  
 †Vem se os quatro elemêtos trasladados  
 Em diuerfos officios occupados.

† *Escreue os quatro Elementos, pintados na porta de Neptuno, como Ouid. no principio do 2. libro dos Metam.*

Alli sublime o fogo estaua encima, 11  
 †Que em nenhũa materia se sustin ha,  
 Daqui as cousas viuas sempre anima  
 Depois que Prometeo furtado o tinha,  
 Logo

Os Lusíadas De Luis de Camões;  
Logo apos elle leue se sublima  
O inuisibil ar, que mais asinha  
Tomou lugar, & nem por quête, ou frio  
\*Algun deixa no mundo estar vazio.

\* Diz isto, porque este fogo material de que ca vfa  
mos, não pode cõserua-se sem algũa materia de ma  
deira, ou outra algũa cousa: mas o fogo elemental  
tem-se sem materia algũa, & he inuisivel.

\* Porque nada está vazio, & ao menos está cheo  
de ar.

- 12 Estaua a terra em montes reuestida  
De verdes eruas & aruores floridas,  
Dando, pasto diuerso & dando vida  
Aas alimarias nellá produzidas:  
A clara forma ali estaua esculpida  
Das agoas entre a terra desprazidas  
De pescados criando varios modos,  
Cõ seu humor mâtendo os corpos todos
- 13 Noutra parte esculpida estaua a gerra  
Que tiuerão os de cima cos Gigantes,  
Esta Tifeo debaixo da alta ferra  
De Etna, que as flamas lança crepitâtes:  
Esculpido

Esculpido se vê ferindo a terra  
 Neptuno, quando as gentes ignorantes:  
 Delle o cavallo ouuerão, & a primeira  
 † De Miuerua pacifica Ouliueira.

† Depois de Cadmo ter edificado Thebas, lhe deu  
 Neptuno bñ cavallo, q̃ significaua guerra. & Mi-  
 uerua a oliueira, a qual elles antes aceitauão.

Pouca tardança faz Lyeo irado 14  
 Na vista destas cousas, mas entrando  
 Nos paços de Neptuno, que auisado  
 Da vinda sua, o estava ja aguardando:  
 Aas portas o recebe, acompanhado  
 Das Nymphas, que se estão marauilhado,  
 De ver que cometendo tal caminho,  
 Entre no reino dagoa o rey do vinho.

O Neptuno, lhe disse, não te espantes 15  
 De Baco nos teus reinos receberes,  
 Porque tambem cos grandes & possantes  
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:  
 Manda chamar os Reis das agoas, antes  
 Que fale mais, se ouirme o mais quise-  
 Verão da desuêtura grãdes modos, (res  
 Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando



- 16 Julgando ja Neptuno que seria  
Estranho caso aquelle logo manda  
Tritão, que chame aquelles q̃ a agoa fria  
Do mar, habitão d'hũa & d'outra bãda,  
Tritão, que de ser filho se gloria  
Do Rey, & de Salacia veneranda,  
Era mancebo grande, negro, & feio  
Trombeta de seu pae, & seu correo.
- 17 Os cabellos da barba, & os que decem  
Da cabeça, nos ombros, todos erão,  
Hús limos prenes d'agoa, & bê parecê  
Que nunca brando pentem conhecerão,  
Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros misilhões, que alli se gerão,  
Na cabeça por gorra tinha posta  
Hũa mui grande casca de Lagosta.
- 18 O corpo nũ, & os membros desiguaes,  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animaes  
Do mar, todos cubertos cento & cento,  
Camarões & cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento  
Ostras & camarões de musco çujos  
As costas cõa casca os caramujos.

Na mão a grande concha retorcida  
 Que trazia, com força ja tocava,  
 A voz grande canora foy ouuida  
 Por todo o mar, que longe retumbaua:  
 Ia toda a companhia apercebida  
 Dos grandes pera os paços caminhaua,  
 Daquelle q̄ fez os muros de †Dardania,  
 Destruídos despois da Grega infania.

† *Dardania chamouse antiguamente Troia de Dardano Rei, filho de Iupiter & Electra, o qual matando seu irmão Iasio, fugio, & veio ter a Samothracia, & delle se chamou em Frigia a Região Dardania. Este ouue hum filho per nome Eryctonio, o qual Eryctonio ouue outro filho, por nome Troe, o qual Troe chamou de seu nome Troia. Este teue dous filhos, Assaryco & Illio, o qual chamou a fortaleza de Troia Illio. O filho de Illion, foy Laomedon, pae de Priamo, em cujo tempo se destruyo Troia pellos Gregos, a qual cidade foy cercada dos muros que lbe Neptuno fez.*

Vinha o Padre Oceano acompanhado 20  
 Dos filhos, & das filhas que gerara,  
 Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
 Que todo o mar de Nimphas pouoara:

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
O antigo †Protheo deixa o gado  
Maritimo, pacer pella agoa amara,  
Tambem de pressa vem, mas ja sabia,  
O que o padre Lyeo no mar queria.

† Protheo filho do Oceano, fingião os poetas, que andava guardando o gado de Neptuno. Mudava-se em varias figuras, ora em leão, ora em tygre, ora em rio, & outras diuersas formas, Virg. lib. 1. Æneid. no fim.

21 Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Celo & †Vesta filha,  
Graue, & leda no gesto, & tão fermosa,  
Que se amansaua o mar de marauilha:  
Vestida hũa camisa preciosa  
Trazia de delgada beutilha,  
Trabalha quanto pode de esconderse  
Por mais honestamente deixar verse.

† Vesta teue antiguamente em Roma hum templo, aonde estauão recolhidas as virgões Vestaes. Quem não era muito casta, se fazia algum mau recado de si, por onde perdesse sua virgindade, entaypanãona. Continuamente tinbão fogo aceso, & se se lhe apogaua, sem elle se ficavaõ ate o fim do anno.

*começando o anno tom auão outro lume puro do Sol com crystal, e uão com muita ruído e vigia.*

Amphitrite fermosa como as flores, 22  
 Neste caso não quis que falecesse,  
 O Delfim traz consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
 Cos olhos que de tudo são senhores,  
 Qualquer parecera que o Sol vencesse,  
 Ambas vem pella mão, igual partido,  
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

† Aquella que das furias de Atamante 23  
 Fugindo veio a ter sublime estado,  
 Consigo traz o filho, bello infante,  
 No numero dos grandes relatado:

† *A giganta Atamante, por outro nome Tesyphona, a qual veio contra Panoepa Nimpba, de quem ella tinha ciumes. Panoepa lhe veo fugindo, atee chegar ás praias, aonde não sentindo remedio pera se salvar, querendo antes morrer no mar, que ás mãos Giganta, se lançou na agoa. Tethys com payxão della, a mudou em Nympha mari- nba, como fingem os poetas.*

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Pella praia brincando vem diante  
Com as lindas e oechantias, que o salgado  
Mar sempre cria, & ás vezes pella area  
No collo o toma a bella Panopea.

- 24 E <sup>†</sup>aquelle q̄ foi num tēpo corpo humano  
E por virtude da erua poderosa  
Foi conuertido em peixe, & deste dano  
Resultou dignidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feio eugano,  
Que Circes tinha vsado coa fermosa  
Scylla, que elle ama, desta sendo amado,  
Que a mais obriga amor mal épregado.

*† Circes foy hũa feyticeira, a qual deu hũs feitiços a  
Glaucos, com que o fez endurdecer, & deitar-se de  
hũas rochas abaixo no mar, o que vendo Neptuno:  
o conuerteo em homem marinho.*

- 25 Ia finalmente todos assentados  
Naquella sala grande & principal,  
As nimphas em riquíssimos estrados,  
Elles em cadeiras de crystal:  
Forão todos do Padre agasalhados,  
Que co Thebano tinha assento igual:  
De fumos enche a casa a rica massa  
q̄ no mar nace, & Arabia em cheiro passa.  
Estando

Estando sossegado ja o †tumulto 26  
 Dos grandes, & de seus recebimentos,  
 Começa a descobrir do peito occulto  
 A causa Tyoneo de seus tormentos,  
 Hum pouco carregandose no \*vulto  
 Dando mostra de grandes sentimentos,  
 So por dar aos de Luso triste morte  
 † Co ferro alheio, falla desta sorte.

† *Tumulto*, he vocabulo Latino, que quer dizer tanto como rumor muito, que he o reboliço, ou murinbo que se faz nalgum ajuntamento, quando se leuanta algũa cousa de nouo, sobre que todos fallão mansamente.

\* *Vulto*, he propriamente aquelle sembrante do rosto, ou alegre, ou triste.

† *Ferro toma pellas armas*. Chama alheio, porque elle com suas forças não podia fazer dano algum aos Portugueses, & foyse a Neptuno, para que cõ força albeia se vingasse, persuadindoo, que nos mares perdeße aos Portugueses.

† *Principe*, que de juro senhoreas 27  
 D'hum polo, ao outro polo o mar irado  
 \* *Tu* que as gentes da terra toda enfreas,  
 Que não passem o termo limitado:

Os Lusíadas de Luis de Camões.

E tu padre † Oceano, que rodeas  
O mundo vniuersal, & o tens cercado.  
E com justo decreto assi permittes,  
Que dentro viuão so de seus limites.

† Começa a oração per modo Rhetorico. Logo no principio, auendo de pedir merce a Neptuno, a elle primeiro que a todos falla, captandolhe beneuolencia da pessoa & estado. Da pessoa, chamãdolhe Principe, & do estado, dizendo o grande poder q̄ tem, pera que mostre serlhe cousa facil o que lhe pede. Captalhe mais a beneuolencia, dizendo que tẽ o seu Reyno de juro, & não tomado por força, nem por engano como ladrão tyranno, mas vnico herdeyro.

\* Poelhe o poder, acrescentandoo, como se dixesse, Tu senhor, que não somente tẽs o mar & a terra, mas ainda tẽs mando sobre os homẽs, como consentes agora sairem elles do que lhes a natureza deu, & sem vossa licença meterense no vosso Reyno, & senhorio?

† Deſpois que falou a Neptuno, falla ao Oceano, que he o segundo deſpois de Neptuno,

28 Et vos incolas do mar, que não sofreis  
Injuria algũa em vosso reyno grande,

Que

Que cõ castigo igoal vos não vingueis,  
 De \*quêquer que por elle corra & ande:  
 Que descuido foy este em que viueis?  
 Quem pode ser que tanto vos abrande,  
 Os peitos, com razão endurecidos,  
 Cõtra os humanos, †fracos, & atreuidos?

† Falla agora com os outros menores, guardando a cadabum a honra, conforme a quem he: & pera que os moua a ira, lbe propõe diante o costume em que ate alli viuerão, não consentindo passar injuria algũa, por pequena que fosse, sem particular vingança.

\* Quem quer, assi o alto, como o baixo, quacs forão os Gregos, que vindo de Troia, tiuerão todos triste fim, & ma tornada, pera suas casas.

† Pera mais facilmente os mouer, argumentalbe de maiori ad minus, dizendo sois fortes contra fracos, pera que vista a ventagem, mais affoutos os desbarataassem.

Vistes que com grandissima ousadia  
 Forão ja cometer o Ceo supremo,  
 Vistes aquella infania fantasia  
 De tentarem o mar com vella & remo:



Vilttes, & ainda vemos cada dia,  
Soberbas & insolencias taes, que temo  
Que do mar & do ceo em poucos annos  
† Venhão a diuinios ser, & nos humanos.

† Como se dixeſſe, vede o que fazeis, que se vos não  
viugaes, hão elles de yr com a sua por diante, &  
não duuido que tanta soberba venhão a ter, que  
nos tomem os nosſos apouſentos, & nos vamos lá  
a morar.

30 Vedes agora a fraca geeração  
Que d'hum †vassallo meu o nome toma  
Com soberbo, & altiuo coração,  
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:  
Vedes o vosſo mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma,  
Vedes o vosſo reino deuassando  
Os vosſos estatutos vão quebrando,

† Vassallo, como se dixeſſe: Não cuides que são  
estes homẽs altos, mas decendem de hum, que foy  
meu vassallo.

31 Eu vi que cõtra os †Mynias, que primeiro  
No vosſo reino este caminho abrirão,

Boreas injuriado, & o companheiro  
 Aquilo, & os outros todos resistirão:  
 Pois se do ajuntamento aventureiro  
 Os ventos esta injuria assi sentirão,  
 Vos aquem mais compete esta vingança,  
 Que esperais, porq̃ a pôdes em tardança?

† *Mynias, pouos de Creta, chamados assi del Rey  
 Mynos, que foy morto pellas filhas del Rei Cocalo.*

E não quero senhores que cuideis 32  
 Que por amor de vos do ceo deci,  
 Nem da magoa da injuria que sofreis,  
 Mas da que se me faz tambem a mi:  
 Que aquellas grandes hōras, que sabeis  
 Que no mundo ganhey, quando venci  
 As terras Indianas do Oriente,  
 Todas as vejo abatidas desta gente.

Que o gran Senhor & fados q̃ destinão, 33  
 Como lhe bem parece, o baixo mundo,  
 Famas mōres que nunca determinão  
 De dar a estes barões no mar profundo:  
 E aqui claro vereis como ensinão  
 O mal tambem a nos, porque segundo  
 Se vê, ningem ja tem menos valia  
 Que quem com mais razão valer deuia.

34 E por isso do Olimpo ja fugi,  
Buscando algú remedio a meus pesares,  
Por ver o preço, que no Ceo perdi,  
Se por dita acharey nos vossos mares:  
Mais quis dizer, & não passou da qui,  
Porque as lagrimas ja correndo a pares  
Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
Se acendem as Deidades dagoa em fogo

35 A Ira com que subito alterado  
O coração de todos foy num ponto,  
Não soffre mais conselho bem cuidado,  
Nem dilatação, nem outro algum descôto:  
Ao grande Eolo mandão ja recado  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes,  
Que não aja no mar mais nauegantes.

36 Bem quisera primeiro ali Protheo  
Dizer neste negocio o que sentia,  
E segundo o que a todos pareceo  
Era algúa profunda prophecia  
Porem tanto o tumulto se moueo  
Em toda aquella illustre companhia,  
Que Thetis indinada lhe bradou,  
Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades ſoltaua 37

Do carcere fechado os furioſos  
 Ventos, que com palauras animada,  
 Contra os varões audaces & animoſos:  
 Subito o ceo ſereno ſe obumbrava,  
 Que os vêtos mais q̃ nunca impetuoſos  
 Começão nouas forças a yr tomando,  
 Torres, montes, & caſas derribando,

Em quanto eſte conſelho ſe fazia 38

No fundo aquoſo, a leda laſſa Frota  
 Com vento ſoſsegado proſeguia  
 Pello tranquillo mar, a longa rota:  
 Era no tempo quando a luz do dia  
 Do †Eoo E miſperio eſtà remota, †Oriete.  
 Os do quarto da prima ſe deitauão  
 Pera o ſegundo os outros deſpertauião.

Vencidos vem do ſono, & mal deſpertos 39

Bocijando a miude ſe encoſtauião,  
 Pellas antenas, todos mal cubertos,  
 Contra os agudos ares que aſſoprauiam:  
 Os olhos contra ſeu querer abertos  
 Mas eſtregando os membros eſtirauão,  
 Remedios contra o ſonno buscar querẽ,  
 Historias contão, caſos mil referem.

Com

40 Com que melhor podemos, hum dezia  
Este tempo passar, que he tão pesado,  
Senão com algum conto de alegria  
Com que nos deixe o sono carregado?  
Responde Leonardo, que trazia  
Pensamentos de firme namorado,  
Que contos poderemos ter melhores  
Pera passar o tempo, que de amores?

41 Não he, disse Veloso, cousa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do mar, q̃ tanto custa,  
Não soffre amores, nem dilicadeza:  
Antes de guerra feruida & robusta  
A nossa historia seja, pois dureza  
Nossa vida ha de ser, segundo entendo  
Que o trabalho por vir mo está dizêdo.

42 Consentem nisto todos, & emcomendam  
A Veloso que conte isto que aprova,  
Contarey disse, sem que me reprimam  
De contar cousa fabulosa, ou noua:  
E porq̃ os q̃ me ouirem, daqui aprédão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nacidos direy na nossa terra,  
E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue  
 João filho de Pedro moderaua,  
 Depois que sossegado & liure o teue  
 Do vizinho poder que o molestaua:  
 La na grande Inglaterra, que da neue  
 Boreal sempre abunda, semeaua  
 y fera Erinis dura & mà cizania  
 Que lustre fosse a nossa Lusitania.

43

Entre as damas gentis da corte Inglesa,  
 E nobres cortesaões, a caso hum dia  
 Se leuantou discordia em ira aeesa,  
 Ou foy opinião, ou foy porfia:  
 Os Cortesaões a quem tão pouco pesa  
 Soltar palauras graues de ousadia  
 Dizem que prouarão, q̃ honras & famas  
 Em tais damas não ha, pera ser damas.

44

E que se ouuer alguém cõ lança, & espada  
 Que queira sustentar a parte sua,  
 Que elles em campo raso, ou estacada  
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
 A feminil fraqueza pouco usada  
 Ou nunca a oprobrios tais, vendose nua  
 De forças naturais conuenientes  
 Socorro pede a amigos & parentes.

45

Mas

46 Mas como fossem grandes & possantes  
 No reino os inimigos, nam se atreuem  
 Nem parentes, nem feruidos amantes  
 A sustentar as damas, como deuem:  
 Com lagrimas fermosas & bastantes  
 A fazer que em seu socorro o poder leue  
 De todo o mundo, por rostos de alabastro  
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47 Era este Ingles potente, & militar  
 Cos Portugueses ja contra Castella,  
 Onde as forças magnanimas prouara  
 Dos companheiros, & benigna estrella:  
 Não menos nesta terra esperimentara  
 Namorados affeitos, quando nella  
 A filha vio, que tanto o peito doma  
 Do forte Rey, que por mulher a toma.

48 Este que socorrer lhe não queria  
 Por não causar discordias intestinas  
 Lhe diz, quando o direito pretendia  
 Do Reino la das terras Iberinas,  
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
 Tanto primor, & partes tam diuinas:  
 Que elles sos poderião, se não erro  
 Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrava das damas fois fertidas,  
 Por vos lhe mandarey embaixadores,  
 Que por cartas discretas & polidas,  
 De vosso agravo os fação sabedores,  
 Tambem por vossa parte encarecidas  
 Com palauras da fagos & damores,  
 Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creyo  
 Que ali tereis socorro & forte esteyo,

49

Destarte as aconselha o Duque experto,  
 E logo lhe nomea doze fortes,  
 E porque cada dama hum tenha certo  
 Lhe manda que sobrelles lancem sortes,  
 Que ellas so doze sam: & descuberto  
 Qual a qual tem caído das consortes,  
 Cadhũa escreue ao seu por varios modos  
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

50

Ia chega a Portugal o mensageiro,  
 Toda a corte aluoroça a novidade:  
 Quisera o Rey sublime ser primeiro,  
 Mas não lho soffre a Regia Magestade,  
 Qualquer dos cortesaões aventureiro  
 Deseja ser, com fervida vontade,  
 E so fica por bem aaventurado  
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

51

La



52 La na leal cidade, donde teue

*O Porto.* Origem (como he fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leue  
Manda o que tem o leme do gouerno:  
Apercebem se os doze em tempo breue  
Darmas, & roupas de vso mais moderno  
De elmos, cimeras, letras, & primores  
Caualos, & Concertos de mil cores.

Ia do seu Rey tomado tem licença

53 Pera partir do Douro celebrado  
Aquelles, que escolhidos por sentença  
Forão do Dnque Ingles esperimentado:  
Não ha na companhia differença  
De caualleiro, destro, ou esforçado:  
Mas hum so que Magriço se dezia  
Destá arte falla â forte companhia.

54 Fortíssimos confocios, eu desejo

Ha muito ja de andar terras estranhas,  
Por ver mais agoas q̃ do Douro, & Tejo,  
Varias gentes & leis, & varias manhas:  
Agora que aparelho certo vejo,  
Pois q̃ do múdo as cousas são tamanhas  
Quero se me deixais ir so por terra,  
Porq̃ eu ferey com uosco em Inglaterra.  
E quádo

E quando caso for que eu impedido  
 Por quem das cousas he vltima linha,  
 Não for conuofco ao prazo instituido,  
 Pouca falta vos faz a falta minha,  
 Todos por mi fareis o que he diuido,  
 Mas se a verdade o spiritu me adevinha,  
 Rios montes, fortuna, ou sua enueja,  
 Não farão que eu conuofco la não seja.

53

Afsi diz, & abraçados os amigos,  
 E tomada licença, em fim se parte  
 Passa Lião, Castella, vendo antigos  
 Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
 Nauarra, cos altíffimos perigos  
 Do Perineo, que Efpanha & Galia parte  
 Vista em fim de França as cousas grâdes,  
 No grande imperio foy parar de Frâdes.

56

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteu muitos dias,  
 Mas dos onze a illuíftriffima companhia  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
 Chegados de Inglaterra â costa estianha  
 Pera Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque sam com festa agasalhados  
 E das damas feruidos & animados.

57

- 59 Chegase o prazo & dia finalado,  
D'entar em campo ja cos doze Ingleses,  
Que pello Rei ja tinhamo segurado,  
Aimãose delmos, greuas. & de arneses:  
Ia as damas té por si fulgente & armado  
O Mauorte feroz dos Portugueses,  
Vestemse ellas de cores, & de sedas  
De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.
- 60 Ia num sublime & publico theatro  
Se assenta o Rei Ingles com toda a corte  
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como a cadaqual coubera em sorte:  
Não sam vistos do Sol do Tejo ao Batro  
De força, esforço, & d animo mais forte,  
Outros doze sayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portugueses.
- 61 Mastigão os cauallos escumando  
Os aureos freos, com feroz sembrante,  
Estaua o Sol nas armas rutilando,  
Como em crystal, ou rigido diamante:  
Mas enxergase num & noutro bando  
Partido desigual & dissonante,  
Dos onze contra os doze: quando a gêto  
Começa a aluoroçar se geralmente.

Virão todos o rostro aonde auia 62  
 A causa principal do reboliço,  
 Eis entra hum caualeiro, que trazia  
 Armas,cauallo,ao bellico seruiço:  
 Ao Rei & às damas falla,& logo se hia  
 Pera os onze,que este era o grã Magriço,  
 Abraça os companheiros como amigos,  
 A quem não falta certo nos perigos.

A dama como ouuiu, que este era aquelle 63  
 Que vinha a defender seu nome & fama,  
 Se alegra,& veste do animal de Hele,  
 Que a gête bruta mais que virtude ama:  
 Ia dão sinal, & o som da tuba impelle  
 Os bellicosos animos,que inflama,  
 Picão desporas,largão redeas logo  
 Abaxão lanças,fere a terra fogo.

Dos cauallos o estrepito parece 64  
 Que faz,que o chão debaixo todo treme  
 O coração no peito,que estremece  
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:  
 Qual do caualo voa,que não dece,  
 Qual do cauallo em terra dando , geme,  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
 q̃l cos penachos do elmo açouta as ácas.

X 2

Algun

65 Algum dali tomou perpetuo sono,  
E fez da vida ao fim breue interuallo,  
Correndo algum cauallo vay sem dono,  
E noutra parte o dono sem cauallo:  
Cae a soberba Inglesa de seu tronço,  
Que dous ou tres ja fora vão do vallo,  
Os que de espada vem fazer batalha  
Mais achão ja q̃ arnes, escudo, & malha.

66 Gastar palauras em contar estremos  
De golpes ferros, cruas estocadas,  
He desses gastadores que sabemos  
Maos do tempo, com fábulas sonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos nossos fica a palma da victoria  
E as damas vencedoras, & com gloria.

67 Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto se detem em Inglaterra,  
Ate tornar à doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gran magriço 68  
 Desejoso de ver as cousas grandes,  
 La se deixou ficar, onde hum seruiço  
 Notauel à condeffa fez de Frandes:  
 E como quem não era ja nouiço  
 Em todo trance, onde tu Marte mandes  
 Hum Fráces mata em campo, q̄ odestino  
 La teue de <sup>t</sup>Torçato, & de Coruino.

*Titò Manlio Torcato, matou humm Frances em  
 desafio. & lhe tirou por despojo hum collar d'ou  
 ro que trazia ao pescoço.*

Outro tambem dos doze em Alemanha 69  
 Se lança, & teue hum fero desafio  
 Cum Germano enganoso, que cõ manha  
 Não deuida, o quis por no extremo fio:  
 Contando assi Veloso, ja acompanha  
 Lhe pede que não faça tal desuio  
 Do caso do Magriço, & vencimento,  
 Nê deixe o de Alemanha é esqueciméto.

Mas neste passo assi promptos estando, 70  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda  
 O apito toca, acordão despertando  
 Os marinheiros d'hũa & d'outra banda:  
 X 3 E porque

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gaueas tomar manda,  
Alerta, disse, estay, que o vento crece  
Daquella nuuem negra que aparece.

71 Não erão os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande & subita procella,  
Amaina, disse o mestre a grandes brados,  
Amaina, disse, amaina a grande vella,  
Não esperão os ventos indignados  
Que amainassem, mas juntos dão nella  
Em pedaços a fazem, cum ruido  
Que o mundo pareceo ser destruydo.

72 O ceo fere com gritos nisto a gente,  
Cum subido temor, & desacordo,  
Que no romper da vella a nao pendente  
Toma gran soma dagoa pello bordo,  
Alija, disse o mestre, rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte acordo,  
Vão outros dar á bomba não cessando,  
Aa bomba, que nos imos alagando,

73 Correm logo os soldados animosos  
A dar á bomba, & tanto q̄ chegarão,

Os balanços, que os mares temerosos  
Derão â nao, num bordo os derrubarão:  
Tres marinheiros duros & forçosos,  
A menear o leme não bastarão, (te,  
Talhas lhe punhão d'hũa & doutra par-  
Sé aproveitar dos homês força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão 74  
Mostrar mais força dimpetu cruel,  
Se pera derribar então vierão  
A fortíssima torre de Babel:  
Nos altísimos mares, que crecerão  
A pequena grandura de hum batel,  
Mostra a possante nao, q̄ moue espanto  
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao grande, em q̄ vay Paulo da Gama, 75  
Quebrado leua o masto pello meio,  
Quasi toda alagada: a gente chama  
Aquelle que a salvar o mundo veio,  
Não menos gritos váos ao ar derrama  
Toda a Nao de Coelho, com receio,  
Com quanto teue o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou q̄ desse o vêto.



77 Agora sobre as nuvens os subião  
As ondas de Neptuno furibundo,  
Agora ver parece que decião  
Aas intimas entranhas do profundo:  
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
Arruinar a machina do mundo.  
A noite negra & feia se alumia,  
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

78 As † Alcyoneas aues triste canto  
Junto da costa braua levantarão  
Lembrandose de seu passado pranto  
Que as furiosas agoas lhe causarão:  
Os Delfins namorados entretanto  
La nas couas maritimas entrarão,  
Fugindo à tempestade, & ventos duros  
Que né no fundo os deixa estar seguros.

† Duas aues Alcyoneas ouue: hãa por nome Ceycis, a qual vendo o corpo morto de seu marido lançado na praia, lançouse no mar: & Amphitrite a mudou em aue. A outra se chamou Marpesia, filha de Eueno Rio, a qual tambem foy mudada em aue por mandado de Amphitrite, como fingem os Poetas.

Nunca tão viuos rayos fabricou  
 Contra a fera soberba dos Gigantes,  
 O gran ferreiro fordido, que obrou  
 Do enteado as armas radiantes:  
 Nem tanto o gran Tonante arremessou  
 Relampagos ao mundo fulminantes,  
 No gran diluuiio, onde sos viuerão  
 † Os dous q̄m gēte as pedras cōuerterão:

79  
 De tudo  
 atrás.

‡ Depois do Dilluuiio, conta Ouidio, que ficarão  
 sos dous, Pyrrha & Deucalionte, os quaes des-  
 pois dos homēs todos mortos, por conselho de Tbe-  
 mis, tomarão as pedras, & lançaũõnas por de-  
 tras das costas, & as pedras que lançaũõ Deuca-  
 lionte, se tornauão em homēs, & as pedras que  
 lançaũõ Pyrrha se tornauão em molheres, segno  
 do fingem os poetas.

Quantos montes então, que derribarão  
 As ondas que batião denodadas,  
 Quantas aruores velhas arrancarão  
 Do vento brauo as furias indinadas:  
 As forçosas raizes não cuidarão  
 Que nunca pera o ceo fossem viradas  
 Nem as fundas areas que podessem  
 Tãto os mares, q̄ encima as reuoluessem.

80

81 Vendo Vasco da Gama que tão perto  
 Do fim de seu desejo se perdia,  
 Vendo ora o mar ate o inferno aberto  
 Ora com noua furia ao ceo subia,  
 Confuso de temor, da vida incerto,  
 Onde nenhum remedio lhe valia,  
 Chama aquelle remedio sancto & forte,  
 Que o impossibil pode, desta sorte.

82 Diuina guarda, angelica celeste,  
 Que os ceos, o mar, & a terra senhoreas,  
 Tu que a todo Israel refugio deste,  
 Por metade das agoas Erytreas:  
 Tu que liuraste Paulo, & defendeste  
 Das Syrtes arenosas, & ondas feas,  
 E guardaste cos filhos o segundo  
 Pouoador do alagado & vacuo mudo.

83 Se tenho nouos medos perigosos,  
 Doutra Scylla & Carybdis ja passados,  
 Outras Syrtes, & baixos arenosos,  
 Outros Acroceraunios infamados,  
 No fim de tantos casos trabalhosos,  
 Porque somos de ti desemparedados,  
 Se este nosso trabalho não te offende,  
 Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos a aquellas que puderão  
 Entre as agudas lanças Affricanas  
 Morrer, em quanto fortes sostiuerão  
 A sancta Fe, nas terras Mauritanas:  
 De quem feitos illustres se soberão,  
 De quem ficão memorias soberanas,  
 De quem se ganha a vida com perdella,  
 Doce fazendo a morte as honras della.

84

Afsi dizendo, os ventos que lutauão,  
 Como touros indomitos bramando,  
 Mais & mais a tormenta acrecentauão,  
 Pella miuda enxarcea assuuiando:  
 Relampagos medonhos não cessauão,  
 Feros trouões, que vem representando  
 Cair o ceo dos eixos sobre a terra,  
 Configo os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa estrella scintilaua  
 Diante do sol claro do Orizonte,  
 Mensageira do dia, & visitaua  
 A terra, & o largo mar com leda fronte:  
 Venus que nos ceos a governaua,  
 De quem foge o ensifero Oriente,  
 Tanto que o mar, & a chara armada vira  
 Tocada junto foy de medo & de ira.

86

Estas

87 Estas obras de Bacho sam por certo,  
Disse, mas não serâ que auante leue  
Tão danada tenção, que descuberto  
Me sera sempre o mal a que se atreue,  
Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gastando espaço breue,  
Em quanto máda às nimphas amorosas  
Guirnaldas nas cabeças por de rosas.

88 Guirnaldas manda por de varias cores  
Sobre cabellos louros a porfia,  
Quem não dirâ, que nace[m] roxas flores  
Sobre ouro natural, que amor enfia,  
Abrandar determina por amores  
Dos ventos a nojosa companhia,  
\*Mostrandolhe as amadas ninfas bellas,  
Que mais fermosas vinhão q̃ as estrellas.

\* Porque fingião os poetas que tambem os ventos  
se namorarão das Nymphas, como foy Boreas, que  
se namorou de Orythya, & Galathea, & Noto.

89 Assim foy, porque tanto que chegarão  
A vista dellas, logo lhe falecem  
As forças com que dante pelejarão,  
E ja como rendidos lhe obedecem;

Os pês & mãos, parece que lhe atarão  
 Os cabellos que os rayos escurecem,  
 A Boreas, que do peito mas queria,  
 Assim disse a bellissima Orithia.

Não creas fero Boreas, que te creio, 90  
 Que me tiueste nunca amor constante,  
 q̄ brádura he de amor mais certo arreio,  
 E não conuem furor a firme amante:  
 Se ja não pões a tanta insania freio,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amarte, mas temerte,  
 Que amor contigo em medo se cõuerte;

Assi mesmo a fermosa Galathea 91  
 Dezia ao fero Noto, que bem sabe  
 Que dias ha que em vella se recrea,  
 E bem cré que com elle tudo acabe,  
 Não sabe o bravo tanto bem se o crea,  
 Que o coração no peito lhe não cabe,  
 De cõtente de ver que a dama o manda,  
 Pouco cuida que faz se logo abranda.

Destá maneira as outras amansauão 92  
 Subitamente os outros amadores,  
 E logo

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E logo à linda Venus se entregauão,  
Amanfadas as iras, & os furores,  
Ella lhe prometeo vendo que amauão  
Sempiterno fauor em seus amores,  
Nas bellas mãos tomandolhe omenagê  
De lhe serem leaes esta viagem.

- 93 Ia a menhã clara datia nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa gauea os marinheiros  
Enxergarão terra alta pella proa,  
Ia fora de tormenta, & dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa,  
Disse alegre o Piloto Melindano,  
Terra he de †Calecu, se não me engano.

† Calecu, cidade que está na costa do Malabar, he  
das mais principaes que ha em o Reino do Camo-  
rym Imperador dos Malabares.

- 94 Esta he por certo a terra que buscais  
Da verdadeira India, que aparece,  
E se do mundo mais não desejaís  
Vosso trabalho longo aqui fenece:  
Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
De ledo, em ver que a terra se conhece

Os joelhos no chão, as mãos ao ceo  
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua & razão tinha 95

Que não samente a terra lhe mostraua,  
Que com tanto temor bulcando vinha,  
Por quem tanto trabalho esperimentaua,  
Mas via se librado tão afinha  
Da morte, que no mar lhe aparelhaua  
O vento duro, feruido, & medonho,  
Como qué despertou de horrêdo sonho.

Por meio destes horridos perigos 96

Destes trabalhos graues & temores,  
Alcanção os que sam de fama amigos  
As honras immortaes, & graos maiores:  
Não encoitados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores,  
Não nos leitos nobres, entre os finos  
Animais de Moscouia †Zebelinos.

*Animais de Moscouia Zebelinos, sam martas, de  
que os principes andão forrados..*

Não cos manjares nouos & exquisitos 97

Não cos passeos molles, & ociosos,

Não



Os Enxadas De Luis de Camões.  
Não cos varios deleites, & infinitos  
Que afeminão os peitos generosos,  
Não cos nunca vencidos appetitos  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos  
Que não soffre a nenhũ q̃ o passo mude,  
Pera hũa obra heroyca de virtude.

98 Mas com buscar co seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço,  
Soffrendo tempestades, & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sufrimêto.

99 E com forçar o rostro que se enfia,  
A parecer seguro, ledo, inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que affouia  
E leua a perna, ou braço ao cõpanheiro,  
Destarte o peito hum calor honroso cria  
Desprezador das honras & dinheiro,  
Das honras & dinheiro, que a vêtura  
Forjou, & não virtude justa, & dura.

Destta

Destarte se esclarece o entendimento,  
Que experiencias fazem repousado,  
E fica vindo, eómo de alto assento,  
O baixo trato humano embaraçado,  
Este onde ti uef força o regimento,  
Direito, & não de affectos occupado,  
Subira (como deue) a illustre mando,  
Contra vontade sua, & não rogando.

F I M.



Y

Chega

CHEGA GAMA A CALECV,  
Cabeça do Reino do Malabar, cujo sitio & des-  
cripção se refere: faz sabedor ao Rei de sua che-  
gada, o qual informandose de Monçaide,  
Mouro criado em Affrica, que gente  
he a Lusitana, vay visitar  
sua armada.

CANTO SEPTIMO.



A SE VIAM CHE-  
gados junto à terra,  
Que desejada ja de tan-  
tos fora,  
Que entre as correntes  
Indicas se encerra,  
E o Ganges, que no ceo terreno mora:  
Ora sus gente forte que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora,  
Ja toys chegados, ja tendes diante  
A terra de riquezas abundante.

A vos ô geração de Luso digo, 2  
 Que tão pequena parte sois no mundo:  
 Não digo inda no mundo, mas no amigo  
 Curral de quem gouerna o Ceo rotúdo:  
 Vos, a quem não samente algum perigo  
 Estorua conquistar o pouo immundo:  
 Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
 Da madre, q̄ nos ceos estâ em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes, 3  
 Que o fraco poder vosso não pesais,  
 Vós, que à custa de vossas varias mortes  
 A lei da vida eterna dilatais:  
 Afsi do ceo deitadas sam as sortes,  
 Que vos por muito poucos que sejais, 3  
 Muitos façaes na sancta Christandade:  
 Que tâto ô Christo exaltas a humildade:

*¶ Começa o Autor a falar contra os Luteranos, &  
 outras Erroneas em que viuem os infieis que se  
 levantarão contra a Christandade.*

Vedelos Alemães soberbo gado, 4  
 Que por tão largos campos se apacenta,  
 Do successor de Pedro rebelado,  
 Nouo pastor, & noua Scepta inuenta,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error se não contenta  
Não contra o superbilissimo Otomano:  
Mas por fair do jugo soberano.

5 Vedelo duro Ingles, que se nomea  
*Ierusalẽ.* Rei da velha & sanctissima cidade,  
Que o torpe Ismaelita senhorea,  
(Quẽ vio honra tão longe da verdade)  
*Inglaterra.* Entre as Boreaes neues se recrea,  
*ra.* Noua maneira faz de Christandade,  
Pera os de Christo tem a espada nua,  
Não por tomar a terra que era sua.

6 Guardalhe por entanto hum falso Rei  
A cidade Ierosolima terrestre,  
Em quanto elle não guarda a sancta ley,  
Da cidade Ierosolyma celeste:  
*França.* Pois de ti Gallo indigno que direi?  
Que o nome Christianissimo quiseste,  
Não pera defendelo, nem guardalo,  
Mas pera ser contra elle, & derriballo.

7 Aclias que tẽs direito em senhorios  
De Christãos, sendo o teu tá largo, e táto  
E não

E não contra o †Cynifio & Nilo rios, †Rios de  
 Inimigos do antigo nome sancto, Africa.  
 Ali se hão de prouar da espada os fios,  
 Em qué quer reprouar da Igreja o cáto,  
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
 Erdaste: & as causas não da justa guerra?

Pois que direi daquelles que em delicias,  
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
 Gastão as vidas, lográo as diuicias,  
 Esquecidos de seu valor antigo:  
 Nacem da tyrania inimicicias,  
 Que o pouo forte tem de si enemigo,  
 Contigo Italia fallo, ja sumersa  
 Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura 9  
 Sois os dentes de †Cadmo desparzidos,  
 Que hũs aos outros se dão a morte dura  
 Sendo todos de hum vètre produzidos?  
 Não vedes a diuina sepultura  
 Possuida de cães, que sempre vnidos  
 Vos vem tomar a vossa antigua terra,  
 Fazendose famosos pella guerra?

† Despois que Cadmo matou aquella serpente, que

Os Lusíadas de Luis de Camões.

na fonte lhe matara seus companheiros: semeando  
os dentes della nascerão homẽs armados: os quaes  
logo antre si trauando guerra em nacendo, se ma-  
tarão todos bũs aos outros.

- 10 Vedes que tem por vso, & por decreto,  
Do qual sãõ tãõ inteiros obseruantes,  
A juntarem o exercito inquieto,  
Cõtra os pouos q̃ sãõ de Christo amãtes,  
Entre vos nunca deixa a fera † Aleto  
De semear cizanias repugnantes,  
Olhay se estais seguros de perigos,  
Que elles & vos, sois vossos inimigos.

† Aleto he nome de bũa das tres furias infernaes,  
as quaes sam Aleto, Tysyphone, & Megea.

- 11 Se cobiça de grandes senhorios  
Vos faz yr conquistar terras alheas,  
Nãõ vedes que † Paetolo & \* Hermo rios  
Ambos voluem auíferas areas?  
Em † Lidia, \* Assiria laurãõ d'ouro os fios  
Affrica esconde em si luzentes veas,  
Mouauos ja sequer riqueza tanta,  
Pois moueruos nãõ pode a casa sancta.

Paetolo

9 Paçolo, rio de Lydia, que rega os campos Smyrneos com areias, entre as quaes traz de mestura algum ouro.

\* Hermo, he hum rio que corta as terras do campo Smyrno, nasce do monte Doryalo, & corta a Pbrigia do Caria. Este quando com suas cheas alaga os campos, os torna fertiles, por onde dizem que traz areias de outro.

† Lydia he hũa região, que está na Asia maior, chamada Lydia de Lydo, filbo de Achys Rey de Meoni, & de seu irmão Tyrreno. Da banda do Oriente he vezinha de Pbrigia, do Norte de Mysfia, & do Sul confina com Caria. Antigamente chamouse Meonia. Ha nesta região estas cidades: Epheso, Colophon, Clazomene, & Phara.

\* Syria, região de Asia maior, que agora se chama Syria. Do Oriente tem a India, do Ponente, o rio Tygris, do Sul, a Media, do Norte, ao Monte caucaso.

Aquellas inuencões feras & nouas,  
De instrumentos mortaes da artilharia,  
Ia deuem de fazer as duras prouas,  
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:



Fazei que torne la às siluestres couas,  
Dos Caspios montes, & da Scytia fria,  
A Turca geração, que multiplica  
Na pulcicia da vossa Europa rica,

13 Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,  
Bradando vos estão, que o pouo bruto  
Lhe obriga os charos filhos aos profanos  
Preceptos do Alcorão (duro tributo)  
Em castigar os feitos inhumanos  
Vos gloriay de peito forte, & astuto,  
E ná queirais louvores arrogantes,  
De serdes cõtra os vossos mui possantes,

14 Mas entanto que cegos & sedentos  
Andais de vosso sangue, ô gête insana,  
Nã faltarão Christãos atreuimentos,  
Nesta pequena casa Lusitana,  
De Affrita tem maritimos assentos,  
He na Asia mais que todas soberana,  
† Na quarta parte noua os campos ara,  
E se mais mundo ouuera la chegara.

† A quarta parte chama o Autor o mundo nouo,  
terra do Brasil, em que se comprehende todas as ter-  
ras de Indias Occidentais, q̃ corrẽ de Norte a Sul.  
E vejamos

E vejamos em tanto que acontece 15  
 A aquelles tão famolos nauegantes  
 Despois que a branda Venus enfraquece  
 O furor vão dos ventos repugnantes:  
 Despois que a larga terra lhe aparece  
 Fim de suas perfiás tão constantes,  
 Onde vem semear de Christo a lei,  
 E dar nouo costume, & nouo Rey.

Tanto que à noua terra se chegarão, 16  
 Leues embarcações de pescadores  
 Acharão, que o caminho lhe mostrarão  
 De Calecu, onde erão moradores:  
 Pera la logo as proas se inclinarão,  
 Porque esta era a cidade das milhores  
 Do Malabar melhor, onde viuia  
 O Rei, que toda a terra pessãoia,

\* Alem do Indo Iaz, & aquem do Gange, 17  
 Hũ terreno mui grande, & assaz famoso,  
 Que pella parte Austral o mar abrange,  
 E pera o Norte, o \*Emodio cauernoso.  
 Iugo de Reis diuersos o constringe  
 A varias leis, † algũs o vicioso  
 Mahoma, \*algũs os Idolos adorão,  
 † Algũs os animais, que entre elles morão.

\* Entre os dous Rios Indo & Ganges, jaz a India  
 f. da banda de Poente o Indo, & da banda de O-  
 riente o Gange, & dantre ambos sae a India, com  
 bñã ponta de duzentas legoas pera o Sul.

\* Emodio, he hum monte junto do termo da India,  
 diuidese em dous ramos, hum delles se chama Or-  
 torocarás, & o outro Semantino.

3. \* Escreue a varia gente que ha na India, f. os Mou-  
 ros, & Gentios

\* Estes sam os Mouros, que odorão a Masoma.

† Estes sam os Canarás, & Guzarates, & Nays  
 ebeans.

† Estes sam os Canarins, & Bramanes, que ado-  
 rão bois, vacas, aliphantes, & outras semelbantes  
 alimarias.

18 La bem no grande † monte, que cortando  
 Tão larga terra, toda Aíã discorre,  
 Que nome tão diuersos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre,  
 As fontes saem, donde vem manando  
 Os rios, cuja gran corrente morre  
 No mar Indico, & cercão todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersóneso.

Canto repetido.  
Entre hũ & o outro rio, em grãde espaço 19  
Say da larga terra hũa longa ponta  
Quasi †pyramidal, que no regaço  
Do mar, com Ceilão insula confronta,  
E junto donde nace o largo braço  
Gangetico, o rumor antigo conta,  
Que os vizinhos da terra moradores  
\* Do cheiro le mantem das finas flores,

\* Pyramides erão hũs edificios mui altos, que fa-  
zião os antigos Reis de Egipto, eão muito altos,  
& quanto mais sobião, mais se hão adelgaçando,  
a maneira do lume de hũa tocha acesa.

\* Dizem os Indios, que junto d' hũa fonte do rio  
Ganges, os moradores della viuem so do cheiro das  
flores que naceem naquelle monte, donde a fonte  
mana.

Mas agora de nomes & de vfança, 20  
Nouos & varios sam os habitantes:  
Os †Delijs, os \* Patanes, que em possança  
De terra, & gente, são mais abundantes,  
† Decanes, \* Oriãs, que a esperança  
Tem de sua saluação nas resonantes  
Agoas do Gange, & a terra de Bengala,  
Fertil de sorte q̃ outra não lhe iguala.

Delijs

¶ Delijs, sam aquelles a que agora chamamos Mogores, sam moradores de Agrá, cidade da fortaleza de Bengala.

\* Patanes sam os Bengalas, casta dos mais fidalgos, moradores tambem de Agrá. Esta Agrá no meio de Saçarão, Região de Bengala, alem de Raudaas, fortaleza mui forte, cercada de metal.

† Decanes sam pouos de Byzapor, alem de Bylligão sogeitos & vassallos do Idalcão, Rei do Decão.

\* Oriás sam pouos de Pipilpatão, cidade de porto de mar, vassallos del Rei de Catbeck. O Rey delles se chama Gazipatil. Este porto he de muito trato, aonde vão os Portugueses fazer seu trato: está pera a costa de Bengalia, entre os Canarás, na cabeça de Bysnagar.

- 21 O Reino de †Cambaia bellicoso  
 Dizem que foy de Poro Rei potente,  
 O Reino de Narsinga poderoso,  
 Mais de ouro & pedras, q̄ de forte gente:  
 Aqui se enxerga la do mar vndoso  
 \* Hum monte alto, que corre longamête,  
 Servindo ao Malabar de forte muro,  
 Com que do †Canará viue seguro.

† Cambaia he Reino, cujos pouos principaes sam Mogores.

Mogores: sua principal cidade he Hamodabath.

\* Gate, que corre de Eylligão & as mais terras, & chamase Gate até Pondâ. Deste monte se descobre o mar, & diuide as terras da fralda do mar das terras firmes.)

† Canarâs, povos de Bisnagar.

Da terra os naturaes lhe chamão Gate, 23  
 Do pê do qual pequena quantidade  
 Se estêde hũa fralda estreita, que cõbate  
 Do mar a natural ferocidade:  
 Aqui de outras cidades sem debate,  
 Calecu tem a illustre dignidade,  
 De cabeça de Imperio rica & bella,  
 Samorim se intitula o senhor della.

Chegada a frota ao rico senhorio 24  
 Hum Portugues mandado logo parte,  
 A fazer sabedor o Rei Gentio  
 Da vinda sua a tão remota parte:  
 Entrando o mensageiro pello rio,  
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte  
 A cor, o gesto estranho, o trajo nouo,  
 Bez concorrer a velo todo o pouo.

Entre

- 24 Entre a gente que vello concurreia,  
 Se chega hum Mahometa, que nascido  
 Fora na região da Berberia,  
 La onde fora Anteo obedecido,  
 Ou pella vizinhança ja teria  
 O Reino Lusitano conhecido,  
 Ou foi ja assinalado de seu ferro,  
 Fortuna o trouxe a tão longo desterro.
- 25 Em vendo o mensageiro com jocundo  
 Rosto, como qué sabe a lingua Hispana  
 Lhe disse, qué te trouxe a estoutro mun  
 Tão loge da tua patria Lusitana? (do,  
 Abrindo lhe responde o mar profundo,  
 Por onde nunca veio gente humana,  
 Viuos buscar do Indo a gran corrente,  
 Por onde a lei diuina se acrecente.
- 26 Espantado ficou da gran viagem,  
 O Mouro, que Monçaide se chamaua.  
 Ouindo as oppressões que na passagem  
 Do mar, o Lusitano lhe contaua,  
 Mas vendo em fim, q̄ a força da mensajé  
 So pera o Rei da terra releuaua,  
 Lhe diz que estaua fora da cidade,  
 Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noiva lhe chegasse 27  
 De sua estranha vinda, se quera  
 Na sua pobre casa repoufasse,  
 E do manjar da terra comeria:  
 E delpois que se hum pouco recreasse,  
 Coelle pera a armada tornaria,  
 Que e alegria não pode ser tamanha,  
 Que achar gête vizinha é terra estranha.

O Portugues aceita de vontade 28  
 O que o ledo Monçaide lhe offerece,  
 Como se longa fora ja a amizade,  
 Coelle come & bebe, & lhe obedece:  
 Ambos se tornão logo da cidade,  
 Perá a frota, que o Mouro bem conhece,  
 Sobem á capitaina, & toda a gente  
 Monçaide recebeo benignamente.

O capitão o abraça em cabo ledo, 29  
 Ouindo clara a lingua de Castella,  
 Iunto de si o assenta, & própto & quedo  
 Pella terra pergunta, & cousas della:  
 Qual se ajütava é † Rodope o aruoredo,  
 So por ouvir o amante da donzella  
 Euridice, tocando a lyra de ouro,  
 Tal a gête se ajunta a ouvir o Mouro.



*9* Rodope monte de Tbracia, aonde Orpheo matís  
do de Eurydice, tangendo fazia mouer as aruores,  
& penedos, & ajuntarse em roda pera ouuillo.

30 Elle começa, ô gente que a natura  
Vezinha fez de meu paterno ninho,  
Que destino tão grande, ou que vêtura,  
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:  
Não he sem causa não occulta & escura,  
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
Por mares nunca doutro lhenho arados  
A Reinos tão remotos & apartados.

31 Deos por certo vos traz, porque pretende  
Algum seruiço seu por vos obrado:  
Por isso so vos guia, & vos defende  
Dos imigos do mar, do vento yrado:  
Sabei que estais na India, onde se estêde  
Diuerso pouo, rico & prosperado,  
De ouro luzente, & fina pedraria,  
Cheiro suaue, ardente especiaria.

32 Esta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama,  
Do culto antigo os Idolos adora,  
Que ca por estas partes se derrama:

De diuerfos Reis he, mas dum so fora  
 Nontro tempo, legundo a antiga fama,  
 Saramá Perimal foy derradeiro  
 Rei que este reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra então viessem, 33  
 De là do seio Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mahometico trouxessem,  
 No qual me instituirão meus parentes,  
 Succedeo que pregando conuertessem  
 O Perimal, de sabios & eloquentes,  
 Fazemlhe a lei tomar, com feruor tanto,  
 Que profupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso 34  
 Mercaderia que offereça rica,  
 Pera yr nellas a ser religioso,  
 Onde Maphoma jaz, que a ley publica:  
 Antes que parta, o Reino poderoso  
 Cos seus reparte, porque não lhe fica  
 Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
 Ricos de pobres, liures de sogeitos.

A hum Cochim, a outro Cananor, 35  
 A qual Chale, a qual a Ilhada pimenta,  
 Z A qual

Os Lusíadas de Luis de Camões:  
A qual Coulaão, a qual da Crangauor,  
E os mais, a quem o mais ferue & cõteta  
Hum so moço, a qué tinha muito amor,  
Despois que tudo deu, se lhe apresenta,  
Pera este Calecu fomento fica,  
Cidade ja por trato nobre & rica.

36 Esta lhe da, cõ titulo excellentes  
De Emperador, q̃ sobre os outros mãde,  
Isto feito se parte diligente,  
Pera onde em sancta vida acabe & ande,  
E daqui fica o nome do potente  
Samorí, mais q̃ todos digno & grande  
Ao moço, & decendentes, donde vem.  
Este, q̃ agora o Imperio manda & tem.

37 A ley da gente toda, rica & pobre  
De fabulas compostas se imagina,  
Andão nũs, & fomento hum pano cobre  
As partes que a cubrir natura ensina:  
Dous modos ha de gẽte, porque a nobre  
Naires chamados sam, & a menos digna  
Poleãs tem por nome, a quem obriga,  
A lei não mesturar a casta antiga.

¶ Estes Poleãs sam tão baixos que se algum Naire andando pella rua, acerta de se tocar nelles, antes que se metão em casa, bõose de lauar em tanques que so pera isso tem. E se algum Naire dormir com algũa Poleã, tem pena de morte.

Porq̃ os q̃ vsarão sempre hũ mesmo officio  
De outro não podem receber consorte, 38  
Nem os filhos terão outro exercicio,  
Senão de seus passados ate morte,  
Pera os Naires he certo grande vicio  
Destes serem tocados de tal sorte,  
Que quãdo algũ se toca por ventura,  
Com cerimonia mil se alimpa & apura.

Destá sorte o Iudaico pouo antigo 39  
Não tocava na gente de Samaria,  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de vfança varia,  
† Os Naires sos sam dados ao perigo  
Das armas, sos defendem da cõtraria  
Báda o seu Rei, trazédo sêpre vsada (da.  
Na esquerda a adarga, e na direita a espa

¶ Estes continuamente andão armados, & trazem no bucho do braço hũa manilha d'ouvo ou prata.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 40 † Bramenes sam os seus religiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia  
Obreruão os p̄ceptos tão famosos  
D'um, que primeiro pos nome â sciencia:  
Não matão couza viua, & temerosos  
Das carnes, tem grandissima abstinencia,  
Somente no venero ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.

† *Estes Bramenes trazem hũas linbas ao tiracolo  
brancas: sam mui acatados por toda a India: nada  
comem que tenha vida, senão arroz, manteiga,  
& ervas, em tanto que nem querem comer briedos  
vermelhos.*

- 41 Geraes sam as molheres: mas somente  
Pera os da geração de seus maridos:  
Ditosa condição, ditosa gente,  
Que não sam de ciumes offendidos.  
Eltes & outros costumes variamente  
Sam pellos Malabares admittidos,  
A terra he grossa é trato, em tudo aquilo  
q̄ as ondas podê dar da China ao Nilo.

- 42 Assim contaua o Mouro, mas vagando  
Andaua a fama ja pella cidade,

Canto repetido. 179  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rei saber mandava da verdade,  
Ia vinhão pellas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo & idade,  
Os principaes, que o Rei bulcar mádara,  
O Capitão da armada que chegara.

Mas elle, que do Rey ja tem licença 43  
Pera desembarcar, acompanhado  
De nobres Portugueses sem detença  
Parte de ricos panos adornado:  
Das cores a fermosa differença  
A vista alegre ao pouo aluoroçado,  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar: despois o fresco rio.

Na praia hum regedor do Reyno estaua, 44  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama:  
Ia na terra nos braços o leuava,  
E num †portatil leito hũa rica cama  
Lhe offerece em que va, costume vsado,  
Que nos ombros dos homês he leuado.

† Portatil, quer dizer leuador, de porto, portas,  
Z 3 que

que quer dizer leuar: sam bñs andores de que  
 vjam os Mallabares, & sam leuados em ombros  
 de homẽs, os quaes andão tão feitos a isto, que  
 quem vay nelle, lhe parece estar deitado em hum  
 esquife, tão quietamente o leuão, que quem he le-  
 uado lhe parece estar assentado, ou deitado, sem  
 se bulir.

- 45 Destarte o Malabar, destarte o Luso,  
 Caminhão la pera onde o Rei o elpera;  
 Os outros Portugueses vão ao vto  
 Que infantaria segne, esquadra fera,  
 O pouo que concorre vay confuso  
 De ver a gente estranha, & bem quisera  
 Preguntar, mas no tempo ja passado  
 Na torre de †Babel lhe foy vedado.

† Porque dantes fallauão os homẽs todos hũa lin-  
 goa, & alli se espalharão.

- 46 O Gama, & o Catual hião falando  
 Nas cousas que lhe o tempo offerencia,  
 Monçaide entre elles vay interpretando  
 As palauras que de ambos entendia:  
 Alsi pella cidade caminhando,  
 Onde hũa rica fabrica se erguia.

De hum sumptuoso templo ja chegauão  
Pellas portas do qual juntos entrauão.

Ali estão esculpidas as figuras 47  
Dos Idolos em pao & em pedra fria,  
Varios de gestos, varios de pinturas,  
A segundo o demonio lhe fingia,  
Vem se as abominaueis esculpturas  
Qual a †Chimêra em membros se varia,  
Espantão se os Christãos da nouidade  
Vituperando a vaã Gentilidade.

† Chymêra dizem os Poetas que era hum monstro,  
que tinha tres cabeças, hũa de Leão, outra de Chy-  
mêra, outra de Dragão: das quaes cabeças todas  
sabia muito fogo.

Hum na cabeça cornos esculpidos, 48  
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
Outro num corpo rostos tinha vnidos,  
Bem como o antigo †Iano se pintaua:  
Outro com muitos braços diuididos,  
A †Briareo parece que imitaua:  
Outro fronte Canina tem de fora,  
Qual †Anubis Memphitico se adora.



¶ Iano, algũs dixerão que era o Sol. Pintarãono cõ  
dous rostros: porque o Sol tem poder sobre o fim do  
anno, & principio delle. Outros entendem o ceo,  
quasi Fano do andar, como diz Cic. lib 2, de Nat.  
Deo. porque sempre os ceos se mouem, & de si co-  
meçando, em si acabam. Em Roma estaua hum  
templo deste, o qual no tẽpo da guerra estaua aber-  
to, & na paz feckado.

\* O Gigante Briareo, filho do ceo & da terra, que  
tinha cem braços.

† Anubis em lingua dos Egipcios quer dizer cão,  
em cuja figura adorauão a Mercurio, como diz  
Seruio. Diodoro escreue, que Anubis foy filho de  
Osyris, que tinha hum cão nas armas por insignia,  
donde os Egipcios adorão o cão, & pintarão Anus-  
bis com cabeça de cão na cidade de Memphis, da  
qual atras tratamos.

#### 49 Aqui feita do Barbaro Gentio

A supersticiosa adoração,  
Direitos vão sem outro algum deluio,  
Pera onde estaua o Rei do pouo vão:  
Engrossandose vay da gente o fio,  
Cos que vem ver o estranho capitão,  
Estão pellos telhados & janellas  
Velhos, & moços, donas, & donzellas.

Ia chegão perto, & não cõ passos lentos, 50  
 Dos jardins odoriferos fermosos,  
 Que em si escondem os regios aposentos  
 Altos de torres não, mas sumptuosos,  
 Edificãose os nobres seus assentos,  
 Por entre os aruoredos deleitosos,  
 Afsi viuem os Reis daquella gente,  
 No campo, & na cidade juntamente.

*Porque as casas da India não sam tam altas, como sumptuosas & ricas, & quasi que não ha casa sem jardins.*

Pellos portaes da cerca a subtileza 51  
 Se enxerga da <sup>†</sup>Dedalea facultade,  
 Em figuras mostrando por nobreza  
 Da India, a mais remota antiguedades  
 Affiguradas vão com tal viueza  
 As historias daquella antigua idade,  
 Que quem dellas tiuer noticia inteira  
 Pella sombra conhece a verdadeira.

*Faculdade quer dizer aquisiencia. Dedalo foy hum grande Arch teçtor. Fez aquellas esjas pegadas com cera, com que se escapou del Rei Minos, que o tinha preso, & voando passou hum mar.*

52 Estaua ha n grande exercito que pisa  
A terra Oriental, que o Idaspe laua,  
Rege o hum † capitão de fronte lisa,  
Que com frondentes tirsos pelejava,  
Por elle edifica da estaua Nisa,  
Nas ribeiras do rio, que manaua  
Tão proprio, que se alli estiuer \* Semelle  
Dira por certo, que he seu filho aquelle.

\* *Baccho, o qual edificou a Cidade de Nisa, cidade da India, donde se chama Baccho Niseo. Está ao pé dum monte, como escreue Strabo, ao qual monte chamão os moradores Meron.*

\* *Semelle filha de Cadmo, da qual ouue Iupiter a Baccho.*

53 Mais auante, bebendo seca o rio  
Mui grande multidão da Afsyria gente,  
Subjeita a feminino senhorio,  
De hũa tão bella como incontinente,  
Ali tem junto ao lado nunca frio,  
Esculpido o feroz ginete ardente,  
Com quem teria o filho competencia,  
Amor nefando, bruta incontinencia.

*Semira -  
mis.*

Daqui

Daqui mais apartadas tremolauão  
 As bandeiras de Grecia gloriosas,  
 Terceira Monarchia, & so jagauão,  
 Ate as agoas Gangeticas vndosas:  
 Dum capitão mancebo se guiauão,  
 De palmas rodeado valerosas,  
 Que ja não de Filipo, mas sem falta  
 De pro genie de Iupiter se exalta,

54

Baccho.

Os Portugueses vendo estas memorias, 55  
 Dezia o Catual ao Capitão,  
 Tempo cedo virà que outras memorias,  
 Estas que agora olhais abaterão:  
 Aqui se escreuerão nouas historias,  
 Por gentes estrangeiras que virão  
 Que os nossos sabios magos o alcãçarão  
 Quando o tempo futuro especularão.

E dizlhe mais a magica sciencia, 56  
 Que pera se euitar força tamanha,  
 Não valerã dos homês resistencia,  
 Que cõtra o ceo não val da gête manha.  
 Mas tambem diz q a bellica excellencia  
 Nas armas, & na paz, da gente estranha  
 Sera tal, que sera no mundo ouuido  
 O vencedor, por gloria do vencido.

Assi

67 Assim falando entrava já na sala,  
 Onde aquelle potente Emperador  
 Nhúa camilha jaz, que não se iguala  
 De outra algũa no preço & no laor:  
 No recostado gesto se afsinala  
 Hum venerando & prospero senhor,  
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça  
 De preciosas gemas se adereça.

68 Bem junto d'elle hum velho reuerente,  
 Cos gíolhos no chão, de quádo é quádo,  
 Lhe daua a verde †folha da erua ardente  
 Que a seu costume estaua rumiando,  
 Hum Bramene, pessoa preeminente,  
 Pera o Gama vem com passo brando,  
 Pera que ao grãde principe o apresente,  
 Que diante lhe acena, que se assente.

† He bũa folha verde a modo de Era, que os negros todos da Índia comem, chamãolhe Brete os naturaes: ella de si quezima, & comêna com sal, por que lhes queime menos. He muito boa pera o estamago, aperta as gengiuas, faz bom baso, & he boa pera os dentes.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais afastados, prôpto em vista  
 Estava o Samori no traço & geito  
 Da gente, nunca de antes d'elle vista:  
 Lançando a graue voz do sabio peito,  
 Que grande authoridade logo aquista  
 Na opinião do Rei, & do pouo todo  
 O capitão lhe falla deste modo.

59

Hum grande Rei, de la das partes onde  
 † O ceo volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar co a terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodã,  
 Ouuindo do rumor que la responde  
 O ceo, como em ti da India toda  
 O principado está, & a dignidade,  
 Vinculo quer contigo de amizade.

60

† Responde o Gama, que he mandado de hum Rei,  
 que reina na terra onde quando he de noite, na do  
 Samorim he de dia, a que chamão Antipodas.

E por longos rodeios ati manda,  
 Por te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, q̃ sobre as terras anda,  
 De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:

61

E desda

Os Lusadas de Luis de Camões.  
E desta fria plaga de †Gelanda,  
Ate bem onde o Sol não muda o \*stilo,  
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,  
Tudo tem no seu reino em grãde copia.

*† Gelanda . Região de Scythia, chamada Glãda  
de Gellano filho de Hercules, morão bem pella ter  
ra dentro junto dos Agathyrstios.*

*\* Ate a linha Torrida por toda Ethyopia, aonde  
sam os dias iguaes, no inuerno & verão.*

62 E se queres com pactos & lianças  
De paz, & de amizade laera & nua,  
Comercio consentir das abundanças  
Da fazenda da terra sua, & tua,  
Porque creção as réndas, & abastanças  
Por quem a gente mais trabalha & sua,  
De vossos reinos, sera certamente  
De ti proueito, & d'elle gloria ingente.

63 E sendo assi, que o nô desta amizade,  
Entre vos firmemente permaneça,  
Estara prompto a toda aduersidade,  
Que por guerra a teu Reino se offereça,  
Com gente, armas, & naos de qualidade,  
Que por irmão te tenha, & te conheça.